

Juliana Teixeira
Victória Mineiro
Mayron Soares Jr.

Os dispositivos
digitais móveis
na produção e
circulação do
webjornalismo
O caso do
aplicativo
Luneta

© 2021 COMBOOK
Todos os direitos reservados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Juliana

Os dispositivos digitais móveis na produção e circulação do webjornalismo [livro eletrônico] : o caso do aplicativo Luneta / Juliana Teixeira, Victória Mineiro, Mayron Soares Jr.-- Florianópolis, SC : Combook, 2021.

PDF

Bibliografia.

ISBN digital 978-65-89462-01-9

1. Aplicativos- Software- Desenvolvimento 2. Aplicativos móveis 3. Jornalismo eletrônico 4. Jornais eletrônicos 5. Luneta (Aplicativo de computador) 6. Mobilidade 7. Sistemas de comunicação móvel I. Mineiro, Victória. II. Soares Jr., Mayron. III. Título.

21-66700

CDD-070.40285

Índices para catálogo sistemático:

1. Dispositivos móveis : Jornalismo digital
070.40285

Cibele Maria Dias - Bibliotecária – CRB-8/9427

Foto da capa:Dean Drobot

combook.

EDITORA DA COMUNICAÇÃO

Rua Luiz Elias Daux, 1140 – Ingleses—88058-512 Florianópolis, SC
(48) 99164-2497 – editora@combook.com.br

Sumário

Apresentação.....	4
Introdução.....	7
O jornalismo móvel na atualidade.....	17
Expansão da mobilidade: a era dos <i>smartphones</i>	17
O papel da mobilidade no jornalismo.....	23
<i>A consolidação da convergência no eixo móvel</i>	24
Jornalismo hiperlocal.....	30
Ensino do jornalismo digital.....	35
O ensino do jornalismo: do viés reprodutivo à inserção móvel.....	35
<i>O milagre da internet?</i>	39
<i>A digitalização curricular e o ensino ligado à mobilidade</i>	42
<i>Nova roupagem do comunicador em alta velocidade</i>	47
<i>A instância teórico-prática</i>	53
Aplicativo <i>Luneta</i>: o produto e o processo.....	58
Metodologia Aplicada.....	63
Construção editorial.....	71
Desenvolvimento do protótipo.....	79
<i>Mobile e web aplicativo</i>	81
Considerações finais.....	87
Referências.....	90
ANEXO A – Protótipos de telas do aplicativo.....	98
ANEXO B – Protótipos de telas do web aplicativo.....	101

Apresentação

O webjornalismo tem se transformado com cada vez maior celeridade, impondo reformulações às diversas esferas sociais, políticas, econômicas e comunicacionais. Entre as suas características apontadas como inovadoras, algumas já estão quase que completamente incorporadas a todo o processo de produção jornalístico, mas outras ainda possuem um longo caminho a ser percorrido. Talvez essa seja a grande vantagem de todo esse ecossistema digital, caracterizado crescentemente pela mobilidade: a oferta de possibilidades, sem que seja propriamente possível prever aplicações e apropriações, proporcionando vias alternativas a quem atua com a Comunicação.

Nesse *continuum* de transformações, é difícil especificar em qual estágio se encontram os dispositivos digitais móveis, até porque, em determinados casos, trazem inovações; em outros, repetem as formas tradicionais do jornalismo. De todo modo, em uma sociedade como a contemporânea, a criatividade, a inovação e a originalidade se constituem como elementos fundamentais no processo de produção, em especial a webjornalística (Sodré, 2008).

A inovação, porém, não envolve apenas aspectos tecnológicos: o domínio das técnicas de uso do digital é tão relevante quanto o desenvolvimento de processos mais criativos, flexíveis e independentes, até porque não se tratam de questões excludentes (Brasil, 2002; Briggs; Burke, 2004). Contudo, muitas vezes (inclusive nos ambientes acadêmicos), a busca pelo “sempre novo” faz com que se repitam velhas estruturas e lógicas, conferindo ao conteúdo em si apenas uma nova embalagem.

Torna-se, assim, fundamental reunir esforços para fazer com que as inovações representem, de fato, um acréscimo de qualidade ou um efetivo crescimento. É nesse sentido que se construiu a proposta do aplicativo *Luneta*, cujo processo de concepção, elaboração e circulação é apresentado ao longo do presente livro. O *Luneta* foi desenvolvido no âmbito do Departamento de Comunicação Social

da Universidade Federal do Piauí, mais especificamente no campus de Teresina.

O seu protótipo foi pensado para dispositivos móveis do sistema *Android* e se encontra disponível para download na loja de produtos *Google Play* (Google). Uma versão em modo *web* aplicativo também foi construída sendo acessada no domínio <luneta-6a5eb.web.app/> em equipamentos conectados à internet. O *Luneta* pode ser compreendido como uma contribuição científica de cunho experimental que agrega inovações aos moldes de ensino-aprendizagem desta instituição e se insere nas transformações conferidas no jornalismo performado no ambiente digital.

A intenção, antes de mais nada, era estudar de que maneira a mobilidade (a partir de seus mais diversos dispositivos da atualidade) vem se expressando nos conteúdos jornalísticos produzidos e circulados no Piauí para, em seguida, pensar e desenvolver, entre os alunos do curso de Comunicação Social da UFPI, soluções de produtos, práticas e processos webjornalísticos mais inovadores.

O aplicativo é, portanto, para além de uma proposta de pesquisa aplicada, de uma tentativa de integrar o tripé ensino, pesquisa e extensão. Afinal, o intuito é que, a partir dos resultados obtidos pela pesquisa, os estudantes de jornalismo da UFPI possam apreender conceitos do webjornalismo e experimentar novas aplicabilidades dos dispositivos móveis no processo de produção de conteúdos. Cabe ressaltar aqui o alerta já clássico de Fidalgo (2001) de que o ideal é não adotar posições radicais: nem manter tudo igual, pois o webjornalismo significaria somente mais do mesmo; nem modificar tudo, uma vez que para fazer um novo jornalismo, é essencial conhecer e dominar princípios e práticas do jornalismo tradicional. Ou seja: a melhor maneira de aproveitar as potencialidades da internet (e mais especificamente, dos dispositivos digitais móveis) é alicerçar a experimentação nos saberes já constituídos.

O *Luneta* também busca contribuir para uma lacuna latente nos cursos de Comunicação Social, que, muitas vezes, errônea e até ingenuamente, compreendem a inovação como um resultado do processo de produção dos profissionais na redação. Essa percepção ca-

rece do entendimento de que uma efetiva inovação deve emergir de redes de pesquisas, testes, experimentações; um dos papéis e contribuições centrais da universidade enquanto instituição. Questionar, analisar e categorizar a exploração da mobilidade no webjornalismo piauiense para, subsequentemente, apontar, testar e efetivar alternativas para a aplicação dos dispositivos móveis em conteúdos inovadores é justo o objetivo da pesquisa apresentada ao longo deste livro.

Os Autores
Teresina, maio de 2021

Introdução

A pesquisa acadêmica não tem função se não retorna à sociedade: eis um princípio praticamente inquestionável. No entanto, na área da Comunicação Social e do Jornalismo, tem sido cada vez mais comum o estabelecimento de barreiras quase que intransponíveis entre universidade e mercado, sobretudo no que se refere às organizações jornalísticas. Por outro lado, é recorrente também o uso de pesquisas acadêmicas apenas como forma de críticas e até linchamentos das práticas comunicacionais, sem, muitas vezes, levar em conta os constrangimentos enfrentados pelos profissionais no cotidiano das redações. Romper com essa dicotomia é, portanto, a pretensão do projeto desenvolvido a partir do aplicativo *Luneta*. Buscamos, assim, estimular um diálogo saudável entre a pesquisa e a prática, quebrando barreiras impostas mutuamente e, sobretudo, investigando com o intuito de propor soluções e não críticas infundadas.

Destaque para o fato de que essa não é uma pretensão inédita. Longe disso... Em trabalhos como *Teses de Feuerbach* (1845) e *A Ideologia Alemã* (1933), Karl Marx já defendia o conceito de práxis, justamente na tentativa de superar essa dicotomia. Afinal, se o materialismo, segundo o autor, vê os homens como determinados pelas circunstâncias (econômicas, sociais, naturais), e o idealismo vê os homens como determinados pelas ideias (pensamentos, vontades, desejos); é fundamental buscar alternativas como a práxis revolucionária: a integração da transformação das circunstâncias com a atividade humana.

Tem-se, portanto, uma atividade teórico-prática, em que a teoria se modifica constantemente com a experiência prática, que por sua vez se modifica constantemente com a teoria. Cabe aos pesquisadores procurar a transformação das circunstâncias e, simultaneamente, auxiliar os indivíduos (no nosso caso específico, os futuros profissionais do jornalismo) a criarem novas práticas. Desse modo, a teoria deixa de se cristalizar como um dogma; tampouco, a prática se cristaliza como uma alienação. Em suma, o conceito de práxis revolucionária de Marx prevê uma relação coerente entre teoria e prática, o que tem sido o esforço dos autores desse livro nos seus últimos anos de concepção, produção e circulação do *Luneta*.

A necessidade desse tipo de compreensão da realidade é ainda mais importante frente aos desafios impostos para o estudo da sociedade em rede, a estrutura social que caracteriza a sociedade no início do século XXI. Conforme pondera Castells (2015), o processo de comunicação contemporâneo é efetivado em função de diferentes lógicas de poder, culturas, organizações e tecnologias, interferindo em todas as áreas de prática social. Assim, estudar tais práticas, entre as quais incluímos as comunicacionais, demanda uma compreensão plena das especificidades não só das formas, como também dos processos de produção da informação - o que, na sociedade em rede, aponta tanto para a mídia de massa, quanto para as redes de comunicação horizontais e interativas, que têm como base a internet e a comunicação sem fio, em mobilidade.

Castells (2015, p.26) sugere, ainda, que nenhuma instância deve ser tomada como anjo ou demônio, na medida em que "somos ao mesmo tempo anjos e demônios", dependendo da nossa capacidade de atuar em cada conjuntura temporal e espacial. Tal concepção dialoga diretamente com o conceito de práxis de Marx, tornando essencial a relação entre teoria e prática na academia e no mercado (para os dois lados e perenemente).

Esse intercâmbio pode permitir que ambos os lados dessa mesma moeda do jornalismo aproveitem as oportunidades que se apresentam, uma fórmula de sucesso na maioria dos casos. Até porque, Pulitzer (2009, p.50) já ressaltava que, para obter sucesso no jornalismo, é preciso saber "pensar direito, pensar rápido, pensar incessantemente e intensamente". Pensar a prática torna-se, desse modo, tão importante quanto colocar em prática as técnicas jornalísticas. Não é mera coincidência que os cursos de jornalismo são cada vez mais exigidos a formarem profissionais capazes de pensar de maneira correta, ensinando que o que qualifica um conteúdo não são as máquinas, e sim cérebros.

Nonaka e Takeuchi (1997, p.264) endossam tal perspectiva ao sustentarem que o futuro pertence aos "trabalhadores do conhecimento - os que usam a cabeça e não as mãos". Daí a necessidade de que os cursos de jornalismo se concentrem menos nas técnicas e se preocupem com a inserção das habilidades conceituais nos currículos, desenvolvendo nos futuros jornalistas competências sociais e de comunicação, bem como flexi-

bilidade e trabalho de equipe, através dos meios para responder de maneira eficaz às demandas do mercado (Deuze, 2004).

Porém, um dos principais problemas do ensino de jornalismo é que, independente da dimensão ou da estrutura da universidade, está tradicionalmente voltado para o treinamento prático, de um lado, e para a educação conceitual, de outro. Embora as demandas do sistema midiático sejam diferentes de uma região para outra e definidas com base em culturas específicas, o equilíbrio entre os conhecimentos práticos e conceituais sempre foi um desafio para os programas de jornalismo de todo o mundo (Deuze, 2008; Mensing, 2011; Tótaró, 2008). E é justamente no que tange a esse aspecto que apresenta-se um dos nortes para o desenvolvimento do *Luneta*: a tentativa de integração entre as pesquisas acadêmicas/teóricas e as aplicações mercadológicas/práticas.

Reconhecemos que ainda são múltiplos os obstáculos que a pesquisa, a reflexão e o ensino do jornalismo vêm enfrentando na contemporaneidade. De todo modo, a intenção aqui é apontar para a importância da integração entre teoria e prática, entre pesquisadores e profissionais, da transposição desses desafios. Daí a proposta de desenvolvimento de um aplicativo para smartphone, no âmbito do qual os alunos do curso de Comunicação Social da UFPI teriam a oportunidade de produzir e circular conteúdos webjornalísticos elaborados, sobretudo, a partir da lógica dos dispositivos móveis digitais. Conforme propunha Machado (2007, p.17),

A dicotomia teoria e prática tende a desaparecer porque, através da reconstrução e da construção do conhecimento, a teoria constitui uma esfera de compreensão dos limites e da necessidade de atualização da prática e a prática funciona como uma espécie de campo de provas para testar as hipóteses teóricas e apontar as lacunas existentes nas teorias estabelecidas (Machado, 2007, p. 17).

Atuar nesse tipo de projeto acadêmico é, segundo Warren (1975), uma das vantagens oferecidas aos alunos de jornalismo em comparação aos de engenharia ou direito, os quais enfrentam mais dificuldades para desempenhar as atividades práticas de sua profissão. Um dos problemas atuais, entretanto, é que as produções acadêmicas têm se aproximado mais de locais de treinamento para o mercado de trabalho do que de ambientes de aprendizagem capazes de formar novos profissionais, e do que laborató-

rios de pesquisa de novas práticas e processos jornalísticos (Azambuja, 2008; Squirra, 1993).

De qualquer maneira, hoje, os dispositivos digitais podem oferecer alternativas para superar essas problemáticas, visto que têm se constituído como uma importante aliada no processo de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de graduação em jornalismo. Possibilidades essas que têm sido ampliadas e intensificadas pela mais fácil acessibilidade a dispositivos móveis, em especial os celulares. Cabe mencionar, ainda, que tal relação mais estreita entre teoria e prática não favorece apenas a universidade, mas pode oferecer vantagens também para o mercado jornalístico. Afinal, os resultados obtidos por meio de estudos sistemáticos funcionam como uma espécie de consultoria especializada proporcionada pela academia. Isto é: o mercado pode aproveitar dados e indicações das pesquisas para o aprimoramento da prática. As pesquisas são, nesse sentido, potenciais projetos políticos, culturais e/ou formativos, destinados não apenas aos estudantes, mas também aos profissionais da área e às classes dirigentes.

Prova disso é que os efeitos da mobilidade, especialmente aqueles proporcionados pelos novos dispositivos comunicacionais, já começam a refletir em formas diferenciadas de produção e circulação dos conteúdos jornalísticos. Briggs (2013) destaca que algumas previsões apontam para o fato de que a tecnologia móvel irá transformar o cenário midiático de maneira mais expressiva do que a adoção da *web* ocorrida na década de 1990. Westlund (2013) endossa essa perspectiva ao afirmar que, assim como as diferentes gerações têm abraçado a *web*, o acesso à internet móvel está evoluindo velozmente para ser adotado pela grande massa de indivíduos.

Esse contexto de transição passa a demandar novas maneiras de disponibilizar informação na rede, pois não é o mais adequado que os produtos webjornalísticos contemporâneos mantenham a estrutura e/ou a linguagem do sistema comunicacional tradicional. Exemplo disso é que, hoje, há uma quebra na temporalidade do consumo dos produtos jornalísticos, na

opinião de Dalmonte (2014). Se antes os meios controlavam o momento das emissões e o consumo ocorria de acordo com tal proposta de circulação; agora, quase todo o conteúdo jornalístico tem a possibilidade de circular pelas plataformas digitais e o horário de publicação ou exibição perde força, ainda que continue sendo relevante em algumas conjunturas.

Torna-se, assim, necessário o entendimento da arquitetura da informação, da relação dos indivíduos com os meios emergentes e dos novos modelos de negócio (apenas para citar alguns exemplos), a fim de que os conteúdos webjornalísticos gerem estruturas sólidas para a experimentação de gêneros que já levem em conta os dispositivos digitais móveis. Até porque é crescente a onipresença desses dispositivos no cotidiano dos indivíduos. Os aparelhos móveis são cada vez mais usados em função da sua portabilidade, do fácil e simples manuseio, dos baixos custos e da junção das vantagens de diferentes dispositivos (como *laptops*, câmeras de vídeo ou câmeras fotográficas), podendo receber e exibir todas as formas de mídia (Canavilhas; Satuf, 2014; Briggs, 2013).

É importante também a compreensão de que as práticas sociais de produção, circulação e usos do conteúdo webjornalístico disponibilizado na rede não são determinadas por uma única causa, seja ela tecnológica, política ou empresarial. Isso não significa afirmar que tais estruturas não exercem influências sobre os indivíduos, e sim que esses poderes não são completamente determinantes para o comportamento dos usuários.

Portanto, partimos de um princípio no qual o que os usuários fazem na internet não está determinado pela tecnologia em si, senão por valores, crenças, influências interindividuais e lógicas de imitação e repetição de comportamentos que dão forma a uma cultura particular, dentro de determinadas condições econômicas, políticas, sociais e institucionais (Santini; Calvi, 2013, p.165).

Os aparelhos portáteis contemporâneos apresentam, desse modo, uma nova dinâmica, na medida em que, por exemplo, apresentam outras possibilidades de interação com o conteúdo, ampliando consideravelmente a importância do utilizador no processo de construção de sentido das informações e deslocando o consumo do webjornalismo para um âmbito cada vez mais individualizado. Para Liuzzi (2014, pp.72-73), esse cenário marcado pelos dispositivos móveis e pelas múltiplas telas configurou au-

diências caracterizadas por cinco ideias centrais: 1) fragmentação – modos de consumo fragmentados; 2) itinerantes – acessam o conteúdo em qualquer momento e lugar; 3) produção/consumo – o processo inclui o desempenho desses dois papéis alternadamente; 4) participação – o público valoriza o conteúdo projetado para a interação; e 5) replicação/expansão – reconhecem rapidamente quando um relato é repetido em várias plataformas, interpretando essa expansão narrativa como algo a ser valorizado.

Além de alterar os comportamentos dos indivíduos em diferentes níveis e esferas, a utilização dos dispositivos móveis também pode mudar o modo de fazer jornalismo pelos meios de comunicação contemporâneos e, ainda, modificar a maneira como as pessoas veem o jornalismo. Tanto que são cada vez mais diversas e numerosas as ofertas de conteúdos jornalísticos para dispositivos móveis. É dessas problemáticas discutidas até aqui que emerge a proposta central da pesquisa apresentada neste livro: investigar, de maneira teórica e prática, as possibilidades dos dispositivos móveis para o webjornalismo contemporâneo, tendo como foco o aplicativo *Luneta*.

Afinal, ensinar a pensar torna-se, hoje, tão ou mais importante que ensinar as técnicas jornalísticas, conforme já mencionado anteriormente. Embora a linguagem webjornalística seja muitas vezes entendida como uma questão tecnológica, o que, na verdade, espera-se dos futuros jornalistas é que sejam capazes de primeiro pensar o cruzamento dos meios de comunicação e, apenas depois, que dominem o *hardware* ou *software*. Essa questão se torna ainda mais relevante no âmbito do jornalismo universitário, que tem o compromisso de “pensar diferente”, criando uma oferta diversa à dos meios convencionais.

O processo de desenvolvimento do *Luneta* buscou indicar alternativas nesse sentido, ao integrar teoria e prática em suas atividades, em especial no que se refere às tarefas desenvolvidas para a criação do aplicativo para *smartphone*. O que, até então, era concebido como uma aula em que se repassava conhecimento, pode ganhar a dimensão de um laboratório de ensino, pesquisa e extensão, no qual, além da possibilidade de acesso às teorias e técnicas predomi-

nantes no mercado, podem ser experimentadas e testadas linguagens, processos, tecnologias e aplicativos.

Enquanto um laboratório de pesquisa, o objetivo é criar conhecimentos novos, e enquanto um laboratório de ensino e extensão, a busca é pela reconstrução do conhecimento e a experimentação de novas práticas. Esperamos que o aplicativo seja, portanto, um ambiente privilegiado de aliança entre reflexão e prática para a elaboração de conteúdos inovadores na pesquisa aplicada do Piauí e da UFPI.

Até porque, em 2019, houve a implementação do novo projeto pedagógico do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí. A estrutura curricular reformulada após mais de vinte anos desde a implantação vigente, foi encabeçada pelos membros do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Departamento de Comunicação Social, sendo eles os professores: Cristiane Portela de Carvalho, Eliezer Castiel Menda, Fenelon Martins da Rocha Neto, Francisco Laerte Juvêncio Magalhães, Gustavo Fortes Said, Nilsângela Cardoso Lima, Paulo Fernando de Carvalho Lopes e Ana Maria da Silva Rodrigues. O projeto objetivava contemplar diferentes linguagens webjornalísticas na composição dos estudos propostos pela área do jornalismo, incluindo a capacitação dos graduandos para a atuação em equipes multiprofissionais.

Diante desta dinâmica de transformações no referido Curso é que surgiu a proposta de criação do aplicativo *Luneta*, que se solidificou a partir de um projeto de Iniciação Científica (2019-2020) submetido e coordenado pela professora Juliana Fernandes Teixeira e pelos bolsistas do projeto Victória Dailly Alves Mineiro e Mayron Moura Soares Junior, todos autores deste livro. O projeto de IC também resultou na monografia de conclusão do curso em Comunicação Social/ Jornalismo de Victória Mineiro, intitulada "O uso dos dispositivos móveis como proposta aplicada ao ensino do

jornalismo: o *app Luneta* no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí" e defendida em 27 de janeiro de 2021.

Somada à Comunicação, outra frente de trabalho foi composta pela área de Tecnologia da Informação, executada pelo bolsista Mayron Soares Junior, responsável pelo protótipo do aplicativo e pelo suporte referente aos recursos de programação do sistema. No que compreende a esta parceria, cabe ressaltar, ainda, os laços estreitados com o departamento de Ciências da Computação da UFPI, na pessoa do professor Ricardo de Andrade Lira Rabêlo, então superintendente da Superintendência de Tecnologia da Informação (STI-UFPI) e responsável por auxiliar na supervisão das atividades da referida área dentro do *Luneta*.

A composição de uma junta transdisciplinar para o *Luneta* adapta-se às redações de jornalismo ao redor do mundo à medida em que cria o diálogo necessário entre as várias áreas existentes no meio digital. Condensar o conceito do aplicativo à experimentação do protótipo, em meio às condições e conjecturas que disponibilizamos foi desafiador, mas igualmente um privilégio ao demonstrar o potencial do trabalho coletivo na ciência.

O protótipo desenvolvido no eixo de Tecnologia da Informação é disponibilizado para *smartphones* e *tablets*, através do sistema *Android* (Google), e no formato *web app* sob o domínio <luneta-6a5eb.web.app/>, com livre acesso pelos usuários conectados à internet. A programação empreendida no eixo de Tecnologia da Informação é composta pelo *dashboard* da equipe administradora e pelo painel de visualização do leitor. Para o espaço da equipe de gerenciamento, disponibilizamos um painel de usuário, onde cada membro cadastrado pode lançar as notícias. Na aba de publicação de notícias, é possível inserir o texto com formatação apropriada ao arranjo móvel, recursos multimídia como foto, vídeo e *hiperlinks*, além da opção de conferência de uma prévia da matéria, para evitar possíveis erros ou conferir modificações.

Este processo de gerenciamento da plataforma para publicação de material é a parte final de uma organização preestabelecida por equipes dentro da sala de aula. É por meio da dinâmica de classe que os estudantes irão tomar conhecimento da proposta e do funcionamento do *Luneta*, assim como ativar, estruturar e repensar todo o percurso da criação de co-

munidades em prol da troca de experiências e do domínio de habilidades requisitadas em espaços constituídos pela tecnologia.

No painel dedicado ao leitor, há o menu convencional contemplado pelas editorias de política, cultura, esporte, saúde e cidades, além do cuidado de prover um resumo explicativo sobre a plataforma e um espaço para as publicações com maior destaque. A interface principal é composta pela visualização de notícias com título, resumo e fotos, assim como uma aba de pesquisa para identificação de conteúdo por palavra-chave. Por último, no espaço de notícias, o usuário consegue visualizar, além do texto completo, a autoria de publicação do material.

Todos os recursos foram pensados como forma de integrar a comunidade acadêmica e possibilitar a interação entre os grupos por meio de pautas apuradas sobre a própria comunidade universitária. Logo, o nome escolhido – Luneta – é resultado do conceito de um jornalismo com características aprofundadas feito para dispositivos digitais móveis. O intuito do aplicativo não é reverberar a lógica *hard news*, mas sim dar oportunidade ao leitor para uma experiência diferenciada da mídia massiva, em que prevalece a exposição detalhada de conteúdo. Este foco também reflete o modo de produção da linha editorial, que exerce maior independência na construção, prática e divulgação das informações elaboradas.

Por ser um dispositivo móvel atuante na universidade, o critério da hiperlocalidade foi indispensável na composição do cerne conceitual do *Luneta*. A noção de jornalismo hiperlocal é caracterizada por um recorte geográfico para a produção da notícia, criando uma relação mais próxima com o público local e valorizando pautas que são construídas através da mobilidade do repórter na cena geográfica em que é atuante (Silva, 2015). No cenário atual, os jornalistas móveis são profissionais caracterizados pela mobilidade física e informacional para a produção de conteúdo em tempo real, cujas condições são potencializadas por fatores como portabilidade, ubiquidade e mobilidade, além da presença da geolocalização da notícia, aspecto considerado uma especialização contextualizada que avança a proximidade com a comunidade de leitores.

Ao focar no hiperlocal como enquadramento do jornalismo móvel, é fundamental destacar a política de valorização do *Luneta* com o espaço da UFPI. Visto que a construção noticiosa do aplicativo canaliza as necessi-

dades do público acadêmico ao demarcar um sentido de lugar mediado pelos dispositivos móveis. Em complemento, a noticiabilidade móvel é feita por membros da academia para outros membros e a proximidade é pensada para a articulação de um ciclo de informação pensante e consciente de seus autores, personagens, histórias e local.

Ainda no critério da proximidade, dados apontam que o *smartphone* é a principal plataforma de acesso à internet no Piauí. Ao todo, 99,3% dos usuários fazem uso da rede por meio de celulares, sendo que, da parcela de estudantes, 96,6% fazem uso comum da internet via telefonia móvel. A mobilidade também influencia em 74,3% dos piauienses a utilizarem a rede móvel (3G ou 4G) para se manterem conectados independentemente da localização, segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua – TIC/IBGE) em estatísticas de 2018. No Brasil, o índice de pessoas com acesso à internet via celular neste período teve um aumento de 88,5% em relação ao ano anterior (84,4%). O levantamento, apesar de abrangente, demonstra a popularidade do consumo através de dispositivos móveis no território local e nacional. Audiência que estimula o lançamento e adesão do *Luneta* pelos usuários.

O jornalismo móvel na atualidade

Os desafios que cercam a atual cena jornalística e o âmbito de formação dos novos profissionais giram em torno de como produzir, organizar e disseminar notícias em determinada escala através de uma conexão global. Afinal, existem muitas potencialidades disponíveis ao público a partir do desenvolvimento da convergência dos meios, da popularização dos aparelhos móveis e da ascensão ubíqua. Todo este conjunto de possibilidades é refletido no jornalismo praticado em e para dispositivos móveis.

Para efetivar uma relação sem ruídos com a esfera que o cerca, é esperado que os jornalistas contemporâneos dominem habilidades que envolvem o contexto das tecnologias digitais móveis, a atuação em mobilidade, e os encargos específicos de um jornalismo condicionado à demanda local. Questões complexas a serem superadas quando a busca pela notícia parte de um foco geolocalizado e imerge no trânsito informacional da rede de usuários.

Expansão da mobilidade: a era dos *smartphones*

A mobilidade é compreendida, no presente livro, como precursora das conexões contemporâneas de redes digitais surgidas em uma nova era: a do pós-computador. Tal constituição é repercutida diante da alta popularidade dos dispositivos móveis, que correspondem a toda tecnologia móvel ligada à internet e responsável pela conexão on-line dos usuários de forma independente da localização. Esta definição é contornada pelas características dos dispositivos móveis atuais, como *smartphones* e *tablets*, dotados de recursos tecnológicos de ponta e sistemas operacionais inteligentes. A teia do fluxo móvel é configurada por um consumo informativo que traz elementos como a computação em nuvem, a conexão *wireless* e a mídia ubíqua – mecanismos que permitem ao usuário a presença virtual simultânea e a conectividade global em ritmo acelerado.

Conforme analisa Salaverría (2011, p. 142), uma nova concepção das mídias inserida nas redes digitais obteve características personificadas a partir da década de 1960. Os indicativos referentes à época evidenciam o

esforço para a obtenção de veículos adaptados às demandas de uma sociedade com arranjos expansivos de trocas comunicacionais em massa, afinal, os modelos “têm aspectos distintivos com relação aos seus predecessores análogos: desfrutam de possibilidades mais variadas em termos de gráfica e comunicação, usam ferramentas e dispositivos específicos, têm seus próprios ciclos de produção”.

A década de 1960 aparece também como o período que traz luz a um marco da comunicação do novo tempo: o conceito de aldeia global, criado por Marshall McLuhan (1964). Neste estudo, o autor reflete sobre o processo político-cultural da comunicação e contribui para o entendimento de que a tecnologia está atrelada de modo intrínseco com os processos comunicacionais da era moderna, sendo que, a eficiência do meio servirá de base para circular mensagens que ecoam em todo o mundo, em uma espécie de lógica pós-moderna. “O meio é a mensagem” é a máxima difundida pelo autor sobre a interferência causada pela tecnologia no paradigma da comunicação, intermédio que causa ruídos no conteúdo da mensagem entre os interlocutores:

Este fato, característico de todos os veículos, significa que o “conteúdo” de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo. Se alguém perguntar, “Qual é o conteúdo da fala?”, necessário se torna dizer: “É um processo de pensamento, real, não verbal em si mesmo.” [...] Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas (McLuhan, 2007, p. 22).

De fato, através de McLuhan (1964), pôde-se observar o impacto dos efeitos socioculturais que as tecnologias digitais da comunicação traziam consigo em razão do caráter transitório que a linguagem possuía em decorrência da nova geração. A aldeia global é a referência que traça a vertigem da internet e a febre da rede mundial de computadores (*world wide web*) em um espaço de tempo com cerca de 30 anos de diferença. Assim exposto, é possível considerar a partir dos estudos citados o comprometimento com a perspectiva de suportes disponíveis para facilitar a produção e o consumo de informação que permeiam as mudanças de estilo de vida

rumo à cultura digital, firmada a partir de 1960, e que anos mais tarde eclodiria em fenômenos como a globalização.

Para melhor compreensão da dimensão histórica dos dispositivos móveis, é preciso considerar que foram vários os fenômenos que possibilitaram o surgimento das plataformas digitais como as conhecemos hoje. A tecnologia sem fio, ancorada no século XIX, fortaleceu a natureza dos aparelhos móveis até a navegação por sistemas embrionários a partir do final do século XX. No que concerne à portabilidade, à funcionalidade da microeletrônica e à evolução do computador pessoal conceberam ramificações até o estopim da teorização da convergência, marcada por Ithiel de Sola Pool na obra *Technologies of Freedom* (1983), que Jenkins (2009) credita como visionário da mobilização dos aparelhos móveis em prol das novas tecnologias midiáticas.

É justamente com a entrada na década de 1990 que o contexto digital passa a ser protagonista nas reconfigurações das relações entre o mundo real e o mundo em rede. O aumento da conexão entre usuários, o acesso a computadores, o surgimento da *web* e as melhorias na infraestrutura de acesso (Barbosa, 2013) propiciaram uma transformação na comunicação em sociedade sem precedentes. Mielniczuk (2013) aponta, ainda, que a diminuição do valor de custo de mercado de itens como o aparelho celular contribuiu para uma evolução das ofertas propostas pelos setores tecnológicos e o ganho de consumidores em massa é resultado desta e de outras adaptações escalonares:

A evolução do telefone celular pode ser dividida em três momentos. Primeiro quando apenas era transmitida voz, depois nos anos 1990 quando com a introdução de uma tela tornou-se possível enviar mensagens de texto, o SMS, que teve grande aceitação por ser mais barato, permitir comunicação síncrona e também por funcionar independente do aparelho receptor estar ligado (a mensagem fica armazenada sendo entregue quando o telefone é ligado). Depois do texto, vieram as possibilidades de som e imagem, praticamente ao mesmo tempo em que a conexão 3G ou wi-fi fazia dos celulares aparelhos conectados à internet (Mielniczuk, 2013, p. 114).

Desta forma, a mobilidade ofertada pelos dispositivos móveis anexa a convergência e a indústria de comunicação de massa como valor agregado

para o salto da dinâmica de consumo informacional da paisagem urbana. Pode-se assim observar que, diante da configuração vigente, é natural que o início dos anos 2000 tenha consolidado o cidadão digital, incluindo uma nova performática do modo de se fazer jornalismo e, indo além, dispondo o surgimento da introdução da mobilidade no jornalismo (Silva, 2015). Tal visão retrata que o advento ocorreu de modo sistemático, com o aparecimento dos smartphones e tablets da terceira geração (3G), o apoio dos recursos multimídia, a criação de aplicativos com sistemas operacionais móveis e as telas *touchscreen* como *iOS* (Apple) e *Android* (Google).

A configuração atual de um dispositivo móvel explora o aspecto multimídia e integra as mais variadas funções, que passeiam pela inteligência artificial e transformam-se em recursos interativos que migram para a realidade virtual. Considerado como a “quarta tela” por Aguado e Martínez (2008), o *smartphone* é posto à frente de veículos como o cinema, a televisão e o PC, e consegue unificar artifícios interativos dos três meios em um só aparelho. Para Canavilhas e Satuf (2014), a ideia é decorrente, dentre outros feitos, da otimização da usabilidade com o aparecimento de aplicativos (*apps*) e a mudança da interface homem-máquina. O livre acesso à internet e às redes sociais, o consumo sob demanda (comandado pelo usuário) e a conexão *always on* (sempre presente) são exemplos de recursos que facilitam a convergência entre plataformas e desenham nos dias de hoje um “sistema eu-cêntrico, ubíquo e móvel” (Canavilhas; Satuf, 2014, p. 39).

A tendência de crescimento de consumo é verificada também na análise de estudos atualizados sobre o interesse por equipamentos móveis. Ao longo do ano de 2019, 230 milhões de *smartphones* figuraram ativos no Brasil e outros 180 milhões de aparelhos estiveram em uso, incluindo notebooks e tablets. Números que cravam dois dispositivos digitais por cada habitante, segundo a 30ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de TI nas Empresas, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). No ano de 2018, o registro era de que o *smartphone* é a fonte mais usada entre os brasileiros para o acesso à internet. No total 99,2% dos domicílios usavam o telefone móvel celular para este fim, seguido do microcomputador (48,1%), televisão (23,3%) e tablet (13,4%), como divulgado

na recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua – TIC/IBGE).

Igualmente em ascensão, o movimento global demonstra que o número de usuários de *smartphone* ultrapassou 5 bilhões de pessoas em 2019, um correspondente de 67% da população mundial de acordo com o relatório anual Economia Móvel na América Latina 2019, da GSMA, empresa de análise que edita publicações sobre tecnologia e mobilidade. Segundo a pesquisa, os *smartphones* devem ampliar a curva de acesso à internet móvel e o estabelecimento da conexão 5G deve contemplar 1,4 bilhão de internautas até 2025. Em olhar específico para o jornalismo, o *Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2020*, relatório do *Reuters Institute*, também demonstra o pleno crescimento das redes da quinta geração (5G). Ação que deve replicar-se, permitindo ampla conectividade e facilitando o acesso móvel e multimídia ao ecossistema de notícias.

Diante da exposição dos estudos atuais, podemos observar a alta dependência da audiência por *smartphones* e o grande investimento dos setores sociais na adoção de serviços móveis – com destaque para as tecnologias ligadas à quinta geração de redes. Para os próximos anos, as condicionantes que integram a teia dos novos sistemas de comunicação são fundamentais para a reformulação das características que permeiam o ciclo das tecnologias móveis. Sem perder de vista que este trabalho se trata de um produto derivado da mobilidade, é importante desenvolver um raciocínio acerca de como este tipo de dispositivo, em especial o *smartphone*, influi no espaço tecnológico a partir de um panorama contemporâneo que se encontra centralizado no campo ubíquo, nos fluxos de alta velocidade e na convergência midiática (De Sola Pool, 1983; Jenkins, 2009).

No jornalismo, as abordagens propiciadas pela pesquisa científica formaram uma conjuntura em que a interseção do campo profissional com os instrumentos midiáticos, em especial os aparelhos móveis, contribuíram para a renovação de toda a cartilha de trabalho dos jornalistas. Como indica Barbosa (2013), os dispositivos móveis foram agentes expressivos para a designação de uma quinta geração do jornalismo à medida em que a incorporação do aparato dinâmico e os novos formatos de produção e veiculação da notícia provocaram uma quebra na lógica de dependência e

conflito dos suportes e produtos jornalísticos de fases anteriores, como visto nos primórdios da *web* da terceira e quarta geração. Para a autora, a cena da quinta geração é marcada pelo conceito de *continuum* multimídia, referência que agrega a integração dos veículos de comunicação e o fluxo horizontal dos modelos de programação informativa.

Em paralelo à esta perspectiva, os grupos de comunicação ao redor do mundo reconheceram a força das novas tecnologias em meio à indústria e à audiência e alavancaram estratégias para a formação de matrizes de nível convergente, incluindo a configuração de redações integradas, extensão multiplataforma, gestão multimídia e profissionais afiados às demandas do mercado. Os autores Salaverría e Avilés (2008) sustentam que, de fato, o processo de ascensão da convergência foi determinante para conceber a esfera da tecnologia digital integrada aos veículos jornalísticos em voga, mas, alertam também, para o fato de que os interesses empresariais dos conglomerados de mídia foram igualmente facilitadores desta transformação. Por isso, o contexto da convergência jornalística é classificado como parte de um todo de unidades heterogêneas e valores congruentes.

Assim, percebe-se que os valores da convergência são tidos como programadores essenciais para o que podemos nomear hoje de difusão global das tecnologias de informação e de comunicação (TICs). Ou seja, produtos de cunho tecnológico e multifuncional que proporcionam rápida usabilidade à comunicação e informação presentes na era digital. Estas tecnologias são um acréscimo aos produtos remanescentes e um alicerce à quinta geração do jornalismo, uma vez que propõem condições favoráveis para a atuação do tráfego de conteúdo dentro dos circuitos de informação social. Com a popularização da “internet das coisas”, a experiência de aparelhos integralmente conectados à rede estabelece uma cultura em que ramificações como a inteligência artificial, a realidade virtual, o *big data* e o 5G são as novas representações do vínculo das telecomunicações em comum com o interesse público.

Por fim, neste experimento do *Luneta*, o resgate de um dispositivo móvel como intermediário entre a comunicação e a tecnologia da informação para a construção de práticas socioeducativas na universidade é elementar para o diálogo com as propriedades do projeto. Para ser interessante, é necessário estimular a abordagem do jornalismo digital ajustado à

relevância de sistemas tecnológicos reconhecidos dentro e fora da profissão jornalística e do espaço acadêmico. Da mesma forma, ao aproximar os graduandos na imersão teórico-prática relacionada à expressão das TICs e compartilhar o resultado do trabalho noticioso com os leitores, é dado o incentivo para a manifestação dos dispositivos móveis frente à rede de conectividade plugada à oferta informativa.

O papel da mobilidade no jornalismo

A sociedade da informação ambientada pelo uso das tecnologias móveis marca a formação de novos tipos de audiência, uma telemática centralizada na mobilidade e influenciada pelo conjunto de redes interativas que surgem a partir da galáxia da internet, conforme prenunciou Castells (2003). Neste sentido, a partir da década de 1980, os profissionais da notícia condensaram as mudanças acarretadas com a popularização da internet, à amplificação dos aparelhos móveis, a conexão à redes sem fio, à convergência e à ubiquidade dos meios para uma potência midiática em favor do ciberjornalismo – lócus do jornalismo móvel.

Em uma contextualização histórica, a produção jornalística era demarcada por um ritmo de produção linear, sendo organizada em torno da entrega da notícia em um período pré-determinado na rotina de trabalho das redações. Com o aparecimento de reflexões sobre a comunicação de massa e suas implicações na construção noticiosa da mídia, liderada por nomes como Adorno e Horkheimer (1944), houve a análise sobre o papel exercido pela “indústria cultural” da informação e a sinalização dos efeitos provocados pela midiaticização em curso no parâmetro da comunicação mundial. Décadas mais tarde, a revolução da cibercultura (Lemos, 2002, 2004), ou, ainda, a midiaticização da sociedade (Sodré, 2002) trouxe à tona uma rede em plena dependência da interação tecnológica.

Imersos no meio técnico, os processos relacionais e comunicacionais entre atores sociais passam a se dar a partir de fluxos de tempos (não-linear) e espaços que já não estão mais vinculados à idéia da co-presença. As tecnologias midiáticas, por sua vez, deixam de ser observadas como suportes técnicos para a realização da comunicação e pas-

sam a ser observadas como mídias propriamente, sendo imprescindíveis para a realização de determinadas relações sociais. Com isso, parece ser cada vez mais tênue a diferença entre as relações que acontecem face a face e as relações mediadas por tecnologias midiáticas (Sgorla, 2009, p. 65).

Isto posto, podemos conferir que as relações sociais transformadas pela navegação tecnológica tornaram férteis áreas como o webjornalismo, campo jornalístico mergulhado na circulação de conteúdos digitais por meio do diálogo entre a notícia e a nova interface dos meios de comunicação. À vista disso, o modelo é dotado de marcas presentes em uma lógica de atuação profissional disposta a expressar códigos narrativos e estilos inéditos para a arquitetura da informação. Díaz Noci (2008) compreende que, dentre as principais características, há o consenso acadêmico de que a hipertextualidade, a interatividade e a dimensão multimídia são os pilares da representação digital no jornalismo, reconhecendo a autonomia do leitor para acessá-los e as lacunas a serem preenchidas neste cenário através da ciência da comunicação.

A consolidação da convergência no eixo móvel

Ao adentrar a mobilidade, percebe-se que os reflexos de usuários inseridos nesse cenário virtual foram primordiais para a indicativa de um jornalismo que usufrui da captação, produção e distribuição de material informativo sem as limitações do espaço fixo provenientes do modo tradicional. Evidentemente, o digital fez com que o território do ciberjornalismo explorasse práticas e linguagens inovadoras para a conquista de uma audiência com *modus operandi* on-line, mas, como abordado no capítulo anterior, tecnologias adaptadas à transposição física e informacional da mobilidade capacitaram o pleno desenvolvimento de uma vertente nomeada de jornalismo móvel, ou seja, uma corrente jornalística atribuída ao uso dos dispositivos móveis e sem fio para a produção da notícia (Silva, 2013, 2015).

A sistemática do domínio dos aparelhos móveis no jornalismo é declarada por Silva (2013) como resultante de uma descentralização das redações, antes anexadas aos *desktops* de veículos fixos, e atualmente em mi-

gração a um ambiente multimídia que compartilha dados e recursos *hardwares* no processamento de tarefas diárias. Nesta narrativa, apesar da compreensão da mobilidade como um produto derivado das redes de alta velocidade, é notória a influência dos modos tradicionais de se fazer notícia no aprimoramento da área; afinal, para constituir o novo jornalismo, é preciso o domínio de princípios, regras e práticas do velho jornalismo (Fidalgo, 2001. p. 8). Reconhecidas estas mudanças, é neste contexto que aparecem os formatos *crossmedia* ou *transmedia*, pertencentes às redações móveis e integrados à sistemas que comportam todas as etapas de produção para o público em tempo real, maximizando o circuito de transmissão através de itens como a portabilidade, a ubiquidade, a convergência e as dinâmicas experimentadas pela estrutura de geolocalização da notícia.

No Brasil, foi a partir das vantagens distribuídas pelas tecnologias móveis que as organizações jornalísticas incorporaram a mobilidade em projetos experimentais e, posteriormente, aplicaram iniciativas de exploração das redes sociais como fonte de interlocução para um viés colaborativo. O *mobile journalism* (*mojo*) tem raízes que giram em torno de uma formatação de conteúdo através da localização da notícia, onde o jornalista trabalha diretamente da redação móvel, colhendo material informativo e apoiando-se nas redes sociais como um canal acessível entre a população e a mídia.

Como verificado por Silva (2015), a notoriedade do formato *mojo* prevaleceu na cena internacional, atuante em experiências da agência de notícias *Reuters*, por exemplo, para, em seguida, alavancar projetos de atuação similares no território brasileiro. O autor ressalta um caso ilustrativo de trabalho em mobilidade articulado pelo Sistema Jornal do Commercio, conglomerado de mídia recifense, que, em 2007, projetou o “Notícia celular” fazendo o uso de *smartphones* para cobertura local com um time de 16 profissionais da notícia em busca de alimentação da rede multiplataforma, incluindo a *TV Jornal* e o portal *JC Online* – hoje *NE10*. O feito inédito com o proveito de recursos da terceira geração (3G) seria apenas um dos precursores da lógica *mojo*, que seria replicada entre outras redações brasileiras, como conferido no jornal *Extra*, do Rio de Janeiro, produtor de diversas lentes relacionadas ao jornalismo móvel e que, em 2013,

expandiria a mudança desta cultura profissional ao ser o primeiro veículo do país a permitir o envio de mídia informativa pelo público através do aplicativo *WhatsApp*.

Para dar conta dessa reconfiguração no mundo contemporâneo, a notícia interligada aos dispositivos móveis e às ferramentas digitais estabelece novas linguagens às rotinas produtivas, ao mesmo tempo em que, abre possibilidades para frentes de atuação cada vez mais diversificadas ao catálogo de arquiteturas noticiosas. Durante a implementação dos portais de notícias na web, ocorrida a partir da segunda metade de 1999, a principal tentativa de exploração dos veículos brasileiros era prover o máximo de opções informativas em um único endereço eletrônico disposto ao usuário de uma região geográfica ou de um nicho específico de público, determinado de acordo com interesses (Mielniczuk, 2000). Temos assim, desde a concepção do jornalismo on-line, prerrogativas natas de atrativos para apreender segmentos de audiência a partir da localização e que serviriam de base para o jornalismo móvel.

Conforme elaborado por Palacios (2002), neste período seis características demarcavam o jornalismo desenvolvido para a *web*, são elas: convergência/multimedialidade, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e instantaneidade de acesso. Nos dias atuais, Palacios e Cunha (2012) acrescentam que o jornalismo voltado para dispositivos móveis é baseado na apropriação de todos os itens evolutivos da geração web, com o acréscimo de novos fenômenos como a taticidade e, mais à frente, outro complexo de autores enfatiza a ubiquidade – no presente trabalho de Pavlik (2014). Dentro do escopo desse livro, interessa a abordagem dos elementos de instantaneidade e ubiquidade por conta da incisiva operacionalização provocada por estes recursos dentro da notícia móvel. Cabe, ainda, destacar a mobilidade como outro fator determinante – e nuclear – para as alterações ocorridas no jornalismo móvel corrente, com devida categorização no próximo capítulo.

Quando consideramos o conceito da instantaneidade, tomamos como definição a ação que afeta “a rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas” (Palacios, 2002. p. 3). Esta característica é parte do acompanhamento contínuo em torno da reper-

cussão dos assuntos jornalísticos de maior interesse. Logo, o consumo de informações em movimento produz uma crescente demanda por notícias imediatas, influenciada pela infraestrutura das TICs, e cercada por computação em nuvem, onde há a disponibilidade do rápido processamento de dados e uma infraestrutura com pronto compartilhamento de conteúdo. Toda esta interface garante atualizações mais ágeis por parte dos veículos midiáticos e a formulação de estratégias que priorizam a onipresença do usuário em rede para um maior consumo informativo. Com estas determinantes, o ciclo reverberado pelas constantes atualizações de conteúdo firma um elo entre um público consumidor acostumado a um espaço móvel de emissão instantânea e uma prática jornalística sujeita a um volume de informações cada vez mais expansivo a ser trabalhado.

Além da interface tecnológica, as redes sociais móveis auxiliam no desenvolvimento de um enquadramento do produto jornalístico aliado ao instantâneo devido à trajetória advinda de múltiplos formatos proporcionados por *smartphones*, tablets, *e-readers* e outras plataformas de mobilidade. As narrativas construídas dentro destes meios formam-se em tempo real e compõem o aspecto de transmissão por geolocalização, propagada diretamente dos lugares dos acontecimentos e culminando na caracterização cerne do jornalismo móvel. Ao assimilar o aspecto geral, é visto que as redes sociais são detentoras de mecanismos que facilitam a forma de compartilhamento instantâneo, liberando a performance necessária de coberturas ao vivo e possibilitando a combinação multimidiática para a ampla difusão da informação.

Consequentemente, o fluxo instantâneo presente na comunicação de alta velocidade trouxe para as redes móveis efeitos como a tecnologia ubíqua, conceito que denota a presença virtual em todos os lugares ao mesmo tempo, sobretudo de modo simultâneo. Neste trabalho, faz-se necessário observarmos a ubiquidade no paradigma de conectividade global para repensarmos como as instituições de jornalismo estão conduzindo as transformações deste modelo na era digital, especialmente, por ser tratar de uma característica primordial na redefinição da distribuição de informação no ecossistema móvel em tempo real:

No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interati-

va em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet (Pavlik, 2014, p. 160).

Neste aspecto, Pavlik (2014) assinala um futuro vanguardista de canais dotados de sistemas ubíquos para alavancar uma projeção de banda larga sem fio, cuja capacidade interliga os consumidores aos dispositivos móveis da rede. Segundo o autor, o futuro desta infraestrutura em nível mundial possibilita a aplicação de um suporte, não apenas global, mas uma esfera de mercado mais sustentável ao jornalismo em si com o implemento de fatores cruciais como o jornalismo participativo, o conteúdo geolocalizado, o jornalismo de dados e uma sociedade de vigilância global. Com base nesta influência, a ubiquidade nas organizações de mídia depende do viés de “transformar a tradicional indústria jornalística de um modelo da era industrial para outro completamente adaptado para a era global, móvel e conectada” (Pavlik, 2014, p. 163).

Ao confrontar essa noção, é possível identificar que os veículos midiáticos são peças-chave para almejar uma sintonia com o arranjo de informação pública das próximas décadas, refletido na oferta da conexão ubíqua, e com plena força de confecção em larga escala. Do contrário, à medida que não há uma efetiva transformação, a legitimidade de um jornalismo atualizado com as novas tecnologias decresce e finda uma incapacidade das empresas jornalísticas de vigorar propostas contemporâneas, culminando no que Pavlik (2014, p. 164) cita como “o declínio de instituições jornalísticas profissionais amplamente testemunhado no final do século XX e no início do XXI, irá se acelerar para o colapso quase total”.

Em um aspecto distinto, mas de igual afinidade, o contexto no qual as redes móveis de alta velocidade estão inseridas é parte de uma narrativa que expressa mudanças nos padrões de conduta profissional dos jornalistas. As formas de expressão acompanhadas desta imersão virtual percorrem o seio dos dispositivos móveis. O desdobramento de conteúdos noticiosos com estreita relação aos moldes geolocalizados, porém, encontram-se diante de uma composição controversa devido à logística de tra-

balho errônea exigida no ambiente das empresas jornalísticas. Ao assumir este pretexto, o registro da notícia formatado ao conjunto de territórios móveis e plataformas tecnológicas com múltiplas funções e potencialidades, faz com que a qualidade dentro da mobilidade física e informacional esteja comprometida. Prerrogativas estas que podem acarretar problemáticas no campo jornalístico ao ultrapassar um ritmo considerado adequado na incorporação do jornalismo móvel (Silva, 2015) e no gerenciamento de fenômenos provenientes da convergência dos meios (Salaverría; Avilés, 2008).

O objetivo de trazer evidências que identificam certa carência dos aspectos envolvidos na construção do jornalismo de mobilidade é endereçado ao complemento de discussões que investigam uma base de estudos proposta a efetuar rupturas na dimensão de um jornalismo que exerce a localização como referência para a informação em movimento. Na prática acadêmica e no trabalho em campo, o jornalismo móvel torna-se protagonista de uma esfera que promete equipar o trâmite da informação com o aprofundamento de narrativas espelhadas nas tecnologias móveis, na interseção das plataformas de comunicação, na cultura profissional descentralizada, nas novas políticas empresariais, e em consumidores ávidos por dinâmicas de conteúdos interdependentes ao nicho territorial no qual estão inseridos.

Por agora, o planejamento de cidades móveis baseadas em tecnologia inteligente reserva um futuro de provocações para abordagens de caráter social, cultural, econômico e político nos estudos do fenômeno do jornalismo móvel. Trata-se de uma vertente que dita referências apuradas em torno da cultura da mobilidade e de um jornalismo especializado na prática em campo de proximidade, experiência que vincula o repórter no lugar das ações, e que redireciona a notícia para um contexto cidadão na era digital.

No modelo proposto pelo aplicativo *Luneta*, o jornalismo móvel é inserido na própria condição de mídia locativa e serve como um apêndice informacional para toda a estrutura de ensino-aprendizagem pensada para a atuação do aplicativo dentro da UFPI. As ramificações deste projeto são pensadas de acordo com as condições tecnológicas em mobilidade disponíveis e através das reflexões acerca da abordagem deste objeto em sala de

aula. Dentro da atividade acadêmica, a produção móvel em campo é peça-chave para uma representação mais fidedigna de como o repórter, com certo nível de autonomia, pode repassar o conteúdo geolocalizado e estar interligado à central de notícias de uma forma qualitativa, longe da retenção de uma notícia com fluxo massificado, que prioriza a quantidade acelerada e contínua. Deste modo, enfim, acreditamos que os profissionais em formação iniciam uma trajetória em contato com novas formas de pensar os recursos oriundos da lente da mobilidade para os próximos anos.

Jornalismo hiperlocal

O *Luneta* é um veículo locativo que se insere na prática jornalística hiperlocal, conjuntura que sintoniza áreas afins, como a informação de proximidade e o jornalismo participativo – uma maior colaboração dos cidadãos dentro da cena jornalística. A estrutura projetada para o aplicativo abarca o contexto geográfico utilizando-se de uma cobertura de acolhimento do território noticioso enquanto espaço capaz de gerar conteúdo próprio e assumir uma posição consciente dentro deste entorno. Desta maneira, a noção de hiperlocal que ampara a fundamentação do *Luneta* pode ser analisada a partir da compreensão de Lima Júnior (2017, p. 224), quando ele afirma que:

A comunicação hiperlocal está focada em uma pequena área geográfica, permitindo que o conceito de jornalismo hiperlocal surja através de sistemas digitais conectados que concentram informação local de relevância social. A informação é inserida pela comunidade, frequentadores e/ou jornalistas, apoiado por tecnologias sociais e sistemas inteligentes baseados em dados, a fim de melhorar a tomada de decisão por uma comunidade específica, geograficamente delimitada (cidade inteira ou cidade; única região), visando o seu desenvolvimento social. Outro atributo forte está ligado a necessidade de que a comunicação hiperlocal ajuda a envolver as pessoas em sua comunidade local.

Atualmente, o uso do espaço urbano conectado mobiliza uma estrutura de dados baseada em tecnologias que conferem o histórico geográfico

do usuário e recolhem dados, usualmente, através do acesso em redes móveis banda larga. A alta da internet, com as novas tecnologias da informação e aparelhos móveis com sensores geolocalizados cada vez mais precisos, move a construção de laços do cotidiano e facilita que determinado grupo seja captado por informações de cunho personalizado, identitário ou, somente, restrito a fatores que compartilham em comum. É a partir de sistemas tecnológicos sincronizados que a configuração hiperlocal obtém fontes que possibilitam o empacotamento de serviços correlacionados aos usuários, como a preferência de conteúdo, o ingresso nos endereços eletrônicos mais visitados, recomendações de ofertas publicitárias, dentre outros itens ligados à zona de movimentação em rede. Em paralelo, hoje, o suporte não é a única questão a ser considerada quando se trata do diálogo comunicacional com grupos específicos, pois “importa estar disponível num lugar onde qualquer um que o pretenda possa aceder à informação” (Camponez, 2017, p. 12).

Diante das intensas transformações conferidas na arquitetura de dados, as práticas do jornalismo contemporâneo são abastecidas com serviços que focam a mobilidade como instrumento de percepção de uma infinidade de perfis conectados à internet pela teia ubíqua. A exploração dos vários públicos que compõem as regiões informacionais é feita através de narrativas de geocontextualização, como ocorre com as *hashtags*, que são transformadoras do senso de lugar em um campo fértil para a demarcação midiática. Assim, podemos dizer que a definição de mobilidade compreendida neste trabalho é um conceito híbrido e, conforme aplicado por Silva (2015, p. 42), caracterizada no jornalismo móvel em uma escala física e informacional:

As cidades informacionais conectam o movimento para acesso e circulação de informações pelo espaço urbano entre os “lugares” (ubíquos) de produção e a redação física estabelecendo relações de mobilidade informacional (de dados, de objetos, imagens) e mobilidade física (do repórter, deslocamento físico, de transporte).

Na composição do *Lumeta*, o hiperlocal pode ser entendido como um canal que abrange uma superfície mais específica trabalhada dentro do aplicativo – o jornalismo de proximidade. Dado que a construção da notícia é guiada precisamente pela informação adaptada à universidade e ao

contexto acadêmico, a linha editorial do produto ressignifica a proximidade como valor-notícia, ou seja, aqueles elementos significativos o suficiente que tornam o fato em notícia. Ao incluir esta frente como primordial para o desenvolvimento do projeto, retomamos a concepção de Carvalho e Carvalho (2014) no que diz respeito à reconfiguração do papel jornalístico nos novos tempos. Para os autores, é certo que há uma necessidade de iniciativas voltadas ao público local, sendo que, desta produção, há a classificação de dois eixos: editorial e comercial:

Na primeira, com o surgimento da necessidade do leitor de encontrar aquilo que realmente interessa com facilidade, em uma navegação cada vez mais direcionada (favoritos, RSS, Twitter...), os veículos que destacam o trânsito, a segurança ou o time de uma cidade, bairro ou rua, têm maior sucesso. No quesito comercial, o oferecimento de produtos que tenham o foco definido, com potencialidades de criar um relacionamento estreito com o leitor, é um grande atrativo para o anunciante (Carvalho; Carvalho, 2014, p. 73).

Ao ser um veículo de âmbito estritamente acadêmico, o *Luneta* corrobora a noção editorial exposta por tais autores, uma vez que, é um projeto com viés de extensão didática no meio universitário e não é pensado para atuar nas organizações convencionais de mídia. No que diz respeito ao editorial, o critério de proximidade é tido na presente narrativa como elemento fundamental para a concepção dos valores-notícia no âmbito da notícia geolocalizada. Conforme embasado nos estudos de Traquina (2008) e de outros tantos autores que utilizam este fator como referência no campo da comunicação, o critério próximo é característica direta para a verificação da importância do fato de interesse público. Embora individualmente apresente grande potencial de relevância, é importante ressaltar que a força da operacionalização dos valores-notícia é advinda de um todo de interesses por parte da seleção noticiosa que, ao notar a aliança de vários critérios dentro de um acontecimento, identifica um grau mais apurado para deliberá-lo como notícia (Wolf, 2008, p. 202).

Concordando com esta ideia, Traquina (2008, p. 95) orienta que o valor-notícia não é resguardado de forma estática, alterando-se de acordo com distinções derivadas de cada época histórica, localidades, veículos jornalísticos, políticas editoriais e outras variantes. É assim que o critério

de proximidade é revisitado pelo contexto geolocalizado e reconfigurado dentro de notícias intrínsecas aos locais de emissão, sob o viés da atividade jornalística por dispositivos móveis. Premissas como a afinidade geográfica e social são, igualmente, prerrogativas de peso para a extensão que compõe a narrativa da notícia geolocalizada no jornalismo móvel.

Ainda na abordagem de proximidade, é importante considerarmos o todo. Fator que diz respeito, não somente ao aspecto geográfico, mas aos fatores que englobam a cultura e aspectos característicos de cada região (Traquina, 2008, p. 80). Nesta conjuntura, a estrutura de informação ligada ao cenário local na proposição de ideias integradas ao cunho identitário, aprimora a construção da notícia em função das demandas inseridas e reportadas em cada comunidade social. Aqui, a ocupação de um jornalismo de proximidade atuante na compreensão e formulação de estratégias que adotam o local, físico e simbólico como guias do interesse público, caminha rumo ao cruzamento com o jornalismo móvel e formata o sentido ao lugar na interface com os dispositivos móveis (Silva, 2015, p. 43).

Assim, percebemos que a intervenção dos meios ciberjornalísticos no jornalismo de proximidade pressupõe enfoques direcionados e desafios complexos a serem enfrentados. Em análise mais profunda, o trabalho próximo instruído pela mediação das tecnologias móveis é um campo propício à prática de um jornalismo colaborativo entre os cidadãos, pois, permite a participação do público em todas as etapas de construção da notícia de forma mais acessível. Com isso, o internauta tem margem para produzir, aconselhar, examinar e disseminar o conteúdo, considerando a interatividade e a livre opinião em todo o processo de colaboração da notícia.

Para García (2017), cabe ressaltar que a soma do campo de múltiplas vozes inserido na integração de proximidade junto à dificuldade de transpor o local no ciberespaço, são obstáculos visíveis a serem ultrapassados. A indicativa do autor é de que, a partir da construção de um produto de comunicação sólido e de times bem compostos, a superação das problemáticas pode extrair os benefícios da cooperação dos usuários e mobilizar as comunidades em prol do eixo comum de desenvolvimento da mídia locativa.

Justamente sob este enquadramento, o *Luneta* adquire valores e práticas editoriais que efetivam a Universidade Federal do Piauí como região condutora do plano de notícias, convertendo a geolocalização em fenômeno informacional. Isso pode ser refletido na troca de conexões entre os graduandos e a comunidade universitária, na inclusão de editorias que tratam a realidade local, na atividade jornalística realizada a partir de diversos ângulos do campus, na produção colaborativa de ressignificação do espaço acadêmico e, finalmente, no incentivo ao uso do produto móvel para repensar o fluxo informativo da mobilidade. É assim que visamos conseguir que a noção veiculada ao jornalismo móvel hiperlocal e as temáticas que o acompanham sejam referência no experimento do aplicativo.

Percebemos, então, que a densidade da notícia em caráter hiperlocal produz um espaço de diversas ramificações à medida em que o jornalismo se aproxima da comunidade e carrega para si o dever de prover voz aos cidadãos através da interface móvel. O eixo hiperlocal e de proximidade é atrelado a uma onda inovadora na atividade jornalística que, pela posição de relevância com o público local, permite o engajamento de setores midiáticos heterogêneos.

Por parte das grandes empresas de comunicação, o foco hiperlocal permite uma maior conquista de audiência e a criação de estratégias para uma ampla dimensão de público e, em contramão desta vertente, o jornalismo alternativo faz deste propósito uma forma de adentrar novos espaços e fidelizar o público-alvo. Esses motivos se encaixam na programática do *Luneta* pela natureza formadora de um jornalismo independente. Em suma, esperamos fazer parte do movimento de inclusão do hiperlocal e da lógica de proximidade em caráter noticioso, consolidando o diálogo com o público e informando com maior precisão o que o leitor realmente deseja consumir.

Ensino do jornalismo digital

Nas últimas décadas, as novas lógicas da tecnologia impactaram a prática educativa e formadora do campo jornalístico como a principal influência de uma ruptura do ensino reprodutivo em direção a uma postura de ensino representativa, que espelhasse as transformações ocorridas nos contornos de organização e comunicação dos cidadãos na interface digital implantada mundialmente. Neste cenário, o avanço de uma estrutura em rede de cunho globalizado adentrou às instituições de ensino no que tangem as práticas de um fazer jornalístico posicionado com a vanguarda tecnológica do século XXI. Trata-se, portanto, de uma concepção dotada de problemáticas englobadas por esferas culturais, econômicas e políticas a serem consideradas, sobretudo, no que diz respeito à perspectiva local do percurso de implementação da digitalização em sala de aula. Interação igualmente analisada ao olhar como as tecnologias móveis e seus referenciais são envolvidos na realização do ensino aprendizagem desempenhado na academia em consonância com a mobilidade.

O ensino do jornalismo: do viés reprodutivo à inserção móvel

Ao longo da história, os estudos universitários na área da Comunicação Social sustentaram diferentes modelos na tentativa de um embasamento no que se refere a uma planificação científica, abarcando elementos como a “autonomia disciplinar, a especificidade profissional e o envolvimento no contexto sociocultural e histórico-político” (Rede Icod, 2006, p. 13). Neste viés, a inserção da área digital nasce, assim como a própria ciência da comunicação e da informação, sob a tutela do campo humanístico dentro das instituições de ensino concentradas na região ibero-americana. Podemos relacionar que justamente nas décadas de 1980 e 1990 surgiu o desenvolvimento de uma consistência epistemológica das referidas áreas e houve a criação de um paradigma mais distinto destas disciplinas frente às ciências humanas.

À esta altura os cursos relacionados à comunicação foram construídos no berço de setores administrativos e bases pedagógicas já existentes em

múltiplas universidades, criando uma primeira identificação dos estudos da comunicação mais próxima da pesquisa acadêmica e, conseqüentemente, distante de uma premissa focada no mercado de trabalho. É estando a par da condição secundária que a comunicação postulava em seus anos de implementação que se torna possível compreender, por exemplo, os esforços gerais de entidades de educação superior da Argentina e da França para manter o status intelectual prioritário à academia, sem a existência da promoção de uma formação técnica e profissionalizante (Rede Icod, 2006, p. 13). Neste mesmo período, meados da década de 1980, o Brasil seguia uma trajetória inversa ao que era visto nas instituições empenhadas no ensino da comunicação mundo afora, ou seja, inicialmente havia o incentivo de uma orientação profissionalizante e, somente mais tarde, houve esforços para a integração de uma postura mais analítica, principalmente por conta do aumento dos programas de pós-graduação.

No caso específico do Brasil, os cursos de comunicação desenvolvem-se entre as décadas de 50 a 70, como cursos profissionalizantes (Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV), constituídos por disciplinas de formação teórica e humanística e por troncos de especialização específicos, inclusive com estágios profissionais em empresas. A partir dos anos 80 e, fundamentalmente, com a criação de novos cursos de pós-graduação (Mestrados e Doutoramentos) fora do eixo Rio de Janeiro–São Paulo, dá-se a introdução de componentes mais acadêmicos e desenvolve-se toda uma discussão em torno da integração teoria/prática. Também nos anos 90 ocorre uma flexibilização do currículo mínimo oficial, permitindo-se a criação de cursos de comunicação com habilitações orientadas às TICs (Rede Icod, 2006, p. 17).

Em uma primeira fase, a necessidade de exploração da comunicação foi característica primordial para fundamentar eixos sistemáticos de investigação, fragmentados especialmente a partir de bases disciplinares das ciências sociais. Estas contribuições permitiram a incorporação de um conjunto de essências diversas que uniram o enfoque comunicacional à temáticas envoltas à informação, educação, sociologia, economia e aos movimentos culturais e políticos como um todo. Posteriormente, este modelo de constituição derivado e plenamente associado a outros campos

do saber trouxe problemáticas direcionadas à real especificidade do objeto da comunicação, assumindo, de igual modo, uma rica consistência híbrida advinda das fronteiras entre variadas áreas do conhecimento (França, 2001, p. 11).

Meditisch (1999) defende que a lógica política introduzida ao campo do jornalismo desde a Guerra Fria refletiu uma maior aquisição de territórios e acúmulo de poder. Com isso, diversas áreas dentro e fora do eixo da comunicação passaram a fazer parte de um objeto amplo e abstrato, distante de uma metodologia de análise viável e do “rigor científico” presente na vista acadêmica.

Ocorre que a ciência não se desenvolve na mesma direção que a política. Não se preocupa em alargar o seu domínio sobre os territórios vizinhos, mas em aprofundar o seu conhecimento sobre os objetos. Para tanto, lança mão da interdisciplinaridade em torno de objetos definidos, não da transdisciplinaridade que pretende abarcar o mundo. Cresce para cima e não para os lados, e neste crescimento afunila o seu campo de interesse em vez de os alargar (Meditisch, 1999, p. 7).

Em retrospecto, o autor analisa a conjuntura dada pela Unesco a partir de 1948, em Paris, quando é partilhado em uma conferência o interesse na intervenção da formação de jornalistas de terceiro mundo. Segundo o órgão, à época dotado de líderes dominados pela política norte-americana, o jornalismo no mundo ocidental, se mal induzido, poderia aprofundar desigualdades entre grupos, ação esta apregoada pelo comunismo soviético. Como prevenção destes ideais, o Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo (Ciespal) chegou à América Latina, no Equador, em 1960. A partir de então, políticas mais rígidas contra a formação clássico-humanística foram adotadas, sendo substituída por uma “ciência legítima” em que acreditava-se na instalação de controle central, no ensino tecnicista e na exclusão das ciências humanas e sociais para uma conduta jornalística funcional.

No Brasil, os métodos lançados pelo Ciespal adquiriram forte influência a partir do golpe militar de 1964, sendo então postos em prática nas universidades de todo o país. Tendo em vista que, neste momento, a ciência da comunicação posicionava-se como uma área relativamente nova e em desenvolvimento, é sabido que as normativas atribuídas pela institui-

ção às esferas de educação jornalísticas obtiveram rápida propagação no meio acadêmico e validaram instituições e profissionais de ensino dentro de uma visão genérica da profissão. No entanto, se nas instituições acadêmicas o modelo respaldado pelo Centro ganhou forte atenção, no mercado de trabalho esta propagação não obteve tamanho êxito em um primeiro momento. Encaminhando-se rapidamente para um conflito entre as exigências derivadas do mercado e a realidade compartilhada no campo da comunicação social na universidade. Apesar disso, o Ciespal não se tornou um caso isolado na detenção de influência frente ao campo acadêmico de países latino-americanos. Uma gama de métodos e práticas das instituições de ensino norte-americanas são perpetuadas e replicadas dentro do paradigma das universidades de jornalismo da América Latina até os dias de hoje.

Diante deste percurso, observamos uma evidente divisão entre, de um lado, uma classe profissional acadêmica enviesada pela influência política e em defesa de uma comunicação social expansiva, em contramão de uma vertente oposta, guiada por profissionais que valorizam a ênfase em especificidades, o eixo teórico e a compreensão de uma unidade para o objeto de estudo do jornalismo crescer de forma exponencial.

É perceptível, também, que o vasto nicho intelectual incorporado pelo objeto da comunicação social possibilitou diferentes zonas de foco no alcance teórico-prático das fases seguintes dos cursos de jornalismo e demais linhas de estudo da comunicação, razão que ganhou contornos ainda maiores quando as organizações mercadológicas cederam lugar a setores comunicacionais cada vez mais estruturados e com amplas especializações jornalísticas. Ao focarmos na década de 1990, enquanto a universidade buscava formulações para a recém adquirida autonomia da área, o mercado fazia tentativas de erguer-se diante das fortes crises econômicas que assolavam o Brasil. As agências de comunicação entraram em situações de baixa e, por conta do déficit atenuado pela economia, sustentaram expectativas no então novo paradigma da comunicação mundial: a popularização da internet e dos meios tecnodigitais.

O milagre da internet?

O profundo impacto da conexão em rede estabeleceu novos interesses e desafios dentro das empresas de comunicação em quaisquer escalas. Neste período, mais importante do que a informação, a informatização é vista como a principal fonte de vitalidade em tempos considerados promissores para a retomada de um mercado vantajoso. De acordo com estudos da Rede Ibero-americana de Comunicação Digital (2006), dominar a presença na *web*, certificar-se da obtenção das TICs e, sobretudo, capacitar os profissionais para a utilização de técnicas informatizadas são algumas das estratégias que foram lançadas para lidar com os efeitos de uma geração arrebatada pelo virtual. Entretanto, até este ponto, os especialistas apontaram que a onda de movimentações geradas pelos veículos de comunicação visando um nível de excelência técnica pode ter facilitado e, inclusive, endossado a qualidade comunicativa como um fator dispensável.

De uma forma mais precisa, a comunicação viu-se reduzida ao domínio das novas ferramentas técnicas. Os técnicos da comunicação perdem então o monopólio da tecnicidade, os estrategistas passam a ser supérfluos: estar 'online' é comunicar; comunicar é estar 'online' (Rede Icod, 2006, p. 15).

Logo, a realidade conferida no mercado de trabalho evidenciou uma série de mudanças nas diretrizes dos cursos universitários, percurso que interliga a reflexão acadêmica a tendências mais precisas junto às aplicações técnicas repercutidas dentro dos moldes das empresas jornalísticas. Diferentemente dos anos 1980, a década seguinte demonstra que o setor da comunicação elevou as exigências profissionais requeridas, convertendo o padrão de experiência autônoma dos jornalistas em um catálogo de competências que valorizassem o desenvolvimento digital que a cena atravessava. Podemos entender nesse momento que a intervenção universitária utiliza-se da centralização técnica do digital para ampliar métodos que englobassem, tanto a orientação de uso destas ferramentas, quanto as perspectivas conceituais e funcionais que estas poderiam prover dentro e fora do contexto universitário.

Soma-se ainda a explosão de cursos no ensino superior, em especial provenientes de faculdades particulares, construídos para aprimorar o do-

mínio do “canal” digital. O Brasil, assim como o restante do mundo, vê-se então cativado por uma metodologia tecnicista e com disciplinas norteadas pela prática digitalizada:

Os cursos nascidos nos anos 90 são vítimas da desilusão que se seguiu. Os seus fundadores tinham, principalmente, uma visão tecnicista e digitalizada da comunicação. De uma forma pioneira, as opções orçamentais orientaram-se para a compra massiva de equipamentos e software. A pedagogia privilegiava os cursos de aprendizagem de softwares. O fascínio geral pela técnica gera uma confusão total: PAO (Produção Assistida por Computador), infografia, síntese de imagens 2D e 3D etc. Os departamentos investiram fortemente em meios técnicos, tendo como objetivo alcançar uma boa competência em produção multimídia. Finalmente, a ideologia dos primeiros tempos remete para a ideia de que os cursos “têm que ser High Tech”, “têm que possuir equipamento de última geração” e que, quanto mais se tem, melhor será a formação em comunicação (Rede Icod, 2006, p. 15-16).

Mesmo com a atenção voltada para as finalidades técnicas, a configuração introdutória do manuseio com o digital nos centros de estudo da comunicação impulsionou a descoberta de novas linhas de estudo e o aprimoramento das frentes de trabalho de atuação científica. Porém, se para alguns cursos a tecnologia era escalada como a grande protagonista do século XXI, em outros era evidente um descrédito quanto aos parâmetros estabelecidos com o advento da internet e das tendências emergentes que a seguiram. Presente no mercado, as práticas de resistência instauraram-se também nos programas de comunicação, permeadas através do comodismo e, de certa forma, pela descrença com o espaço abarcado pela revolução digital dado que “tanto uns e outros não eram capazes de observar o enorme poder perturbador das tecnologias digitais sobre os modelos clássicos da profissão jornalística” (Salaverría, 2011, p. 143).

Neste contexto, Castells (2003) aborda uma espécie de desequilíbrio entre a compreensão geral realizada pela academia e os estudos que envolvem a internet e a superfície digital na sociedade. Para o autor, os rápidos movimentos de transformação causados pela internet impediram a maturação de táticas de observação necessárias para a assimilação da pesquisa acadêmica com o campo digital em si. Ação esta que provocou uma assi-

metria entre a velocidade de mudanças no território da comunicação e a falta de estudos necessários para suprir as questões demandadas pela internet nesta fase (Castells, 2003, p. 8-9). Problemática que se estende à medida em que o vácuo de embasamento científico origina a desinformação em potencial, relatada por Castells como fenômeno comum em situações que ecoam de forma instantânea mundialmente:

Tirando proveito desse vácuo relativo de investigação confiável, a ideologia e a boataria permearam a compreensão dessa dimensão fundamental das nossas vidas, como frequentemente ocorre em períodos de rápida mudança social. Algumas vezes isso assumiu a forma de profecias futuroológicas baseadas na extrapolação simplista de conseqüências sociais das maravilhas tecnológicas que emergem da ciência e da engenharia; outras vezes, aparece como distopias críticas, denunciando os efeitos supostamente alienantes da internet antes mesmo de praticá-la (Castells, 2003, p. 8-9).

Desta maneira, podemos considerar que a ascensão da internet facilitou em definitivo o distanciamento das “velhas práticas” da comunicação, portanto, experiências sem mediação digital, do conjunto social da notícia – universidades, empresas e o próprio público consumidor em totalidade. Verificamos que as possibilidades ofertadas pela internet geraram o fascínio pelos artefatos tecnológicos, o incentivo da formação profissionalizante no mercado e a expansão da visão acadêmica diante dos desafios impostos pelo novo cenário. Em se tratando do ensino universitário, as práticas desconstruídas e as tentativas, por ventura, afobadas de apreensão da interface digital dificultaram o caráter pensante de alternativas para a área digital performar em plenitude, atuando em consonância com as demandas da sociedade e acolhendo os fluxos digitais de forma mais completa e menos tecnicista.

A partir dos anos 2000, a narrativa de valorização da comunicação digital estrita ao aspecto instrumental foi descontinuada, cedendo espaço a interpretações mais maduras sobre os componentes que regem os fundamentos da internet. A justificativa parte de uma nova retomada econômica que consolida a fusão de veículos midiáticos em conglomerados, o que dá luz a uma estrutura complexa e organizada de modo estratégico, ajustando, também, especificidades diante do perfil dos profissionais contratados (Rede Icod, 2006, p. 17). O motor dos setores de comunicação nes-

se momento é, para além do domínio tecnológico, capacidades que integram o produto comunicacional ao ciclo de produção e consumo de notícias, agora em vias de adaptação aos sítios da web, e, portanto, habilitando exigências inéditas aos jornalistas.

Insustentável como solução de mercado, a ênfase na aplicabilidade tampouco resistiu ao ensino acadêmico, que se obrigou a buscar concepções de utilidade e aproveitamento dos produtos tecnodigitais com uma maior consistência para a efetiva união teórico-prática. Pois, como avalia Machado (2007, p. 13), o ensino-aprendizagem constituído por tecnologia digital e apreendido apenas como um instrumento reflete diretamente o caráter tecnológico como simples acelerador do trâmite de informações, ação que corrobora “o mero aperfeiçoamento do processo de assimilação reprodutiva do conhecimento”. Considerando estas circunstâncias, a legitimação científica acerca dos canais tecnológicos do qual derivam o produto da comunicação digital engrandece as universidades como fomentadoras de conhecimento.

À vista que a própria universidade valida implicações perante os novos produtos e serviços ofertados no meio digital, o mercado torna-se de certo modo dependente da proximidade com a ciência. Conjunto que traça a modalidade de ensino tecnológico digital como sujeita a desafios para ser edificada ao longo de um prazo cada vez mais curto para o tempo de evolução. O correr de avanços é somente o começo de efeitos ainda mais incisivos da rede digital como prática de ressignificação do que era compreendido nos estudos acadêmicos da comunicação à época.

A digitalização curricular e o ensino ligado à mobilidade

Com os objetivos devidamente convertidos, a comunicação digital estabeleceu intensas mudanças em torno do percurso de estudos nos programas de comunicação. As orientações curriculares passaram a ser reprogramadas em instâncias com uma variedade de atuações encaixadas no jornalismo contemporâneo, como a área multimídia, a convergência midiática e a mobilidade. Estas combinações fluíram à atual discussão que objetiva a exploração acadêmica no que concerne pesquisas aprofundadas, no rastro empírico e teórico, de fenômenos dotados por tecnologia em

rede e as consequentes alterações que estas práticas acarretam quando associadas ao jornalismo.

Como revisitado por Lavalle (2017), a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, instituída no Brasil em 1996, extinguiu os currículos mínimos de estruturação dos cursos e determinou a elaboração de bases didáticas mais afinadas ao proposto no perfil de cada instituição de ensino, desde que seguissem as orientações gerais. A diferença entre os currículos mínimos e as diretrizes impostas neste momento foi justamente uma política com maior liberdade de escolha construtiva dentro das matrizes curriculares. Seguindo este trajeto, a partir de 2001, surgem as diretrizes iniciais para os cursos de comunicação com a “Proposta de Diretrizes Curriculares da Área de Comunicação e Habilitações Específicas”. Este mesmo ano marca o processo judicial que retira, por fim, em 2009, a obrigatoriedade do diploma de jornalismo.

Ainda em 2009, houve a elaboração das atuais diretrizes dos cursos de jornalismo pelo Ministério da Educação (MEC), desenvolvida por uma comissão de especialistas encabeçada pelo professor José Marques de Melo. As diretrizes em vigor, instauradas a partir de 2013, evocam o que para Meditsch (2015) trata-se do reestabelecimento da autonomia dos cursos da grande área da comunicação. Segundo Lopes (2013), retrata-se não mais uma revisão de guias anteriores, mas, sim, a primeira elaboração de diretrizes específicas para o curso de jornalismo. Com dois anos para a inserção prática das novas matrizes curriculares nas universidades (2015), as turmas ingressas subsequentes à aprovação já seriam denominadas como turmas de jornalismo, revogando o histórico do jornalismo como título de habilitação da grande área da comunicação social.

Verificando esta transformação, a consciência do papel de intermédio da universidade com o ensino digital da comunicação contribuiu para o fomento de instituições capacitadas em discernir e instruir conhecimentos do comportamento *high-tech* ligado à informação na sociedade. Estudos amplificados sobre a transformação nos cursos de comunicação no começo deste século, como feitos pela Rede Icod (2006, p. 35), sugerem que o ambiente de performance das TICs sofreu uma carga de “utopização e construção de um imaginário digital”, enraizado no apelo consumista de mercado, o que aprimorou a função da academia de averiguar

de modo parcial e crítico a configuração abstrata no que remete ao frenesi de informações em rede. Contudo, a implementação da digitalização nos planos de estudos das universidades foi mais lenta e gradual quando comparada às expectativas mercadológicas, criando um descompasso entre os dois ramos e, ao mesmo tempo, gerando uma oferta formativa nesta área (Canavilhas, 2011, p. 13).

Como observado, o ensino do jornalismo incorporado à digitalização causou profundas mudanças no contexto acadêmico entre o final do século XX e o começo do XXI. As componentes derivadas da internet e de seus dispositivos digitais provocaram a articulação de novas estratégias para a renovação das grades curriculares e de uma metodologia em sala de aula que abarcasse a transformação existente no campo da comunicação social, do cenário trabalhista e da configuração tecnológica em sociedade.

Na Universidade Federal do Piauí, o curso de Comunicação Social existe desde 1984, tendo o projeto pedagógico revisado a partir das diretrizes curriculares vigentes quase duas décadas depois, em 2001. A revisão foi liderada pela professora Ana Regina Rêgo Leal, então presidente da comissão de Estudos de Currículo do Departamento de Comunicação Social, com o propósito de implantação no ano de 2005. O documento tratou de expandir focos disciplinares e acrescentar novos domínios, sobretudo, no que concerne à esfera das tecnologias digitais. Para Leal (2001), “a evolução tecnológica e de postura dos meios de comunicação” foram os principais norteadores para a reconstrução do projeto que, após dez anos, tinha como intuito maior prover uma abertura de novas possibilidades e dinamicidade para a área. A presidente ressalta, ainda, que a referida matriz curricular era flexível o suficiente para atualização constante e ininterrupta.

Como já citado anteriormente, com o passar do tempo, as diretrizes curriculares impostas aos cursos de jornalismo brasileiros sofreram uma repaginação sob o comando do professor José Marques de Melo. Instaurada em 2013, o objetivo da condução foi posicionar o jornalismo dentro da grande área da comunicação social. Assim, o curso de comunicação social da UFPI enxergou-se novamente com o dever de repensar a grade disciplinar, desta vez mais focalizada no jornalismo de fato e não mais com o papel de conceder uma ótica a partir do eixo da comunicação – ab-

dicando-se então do título de curso de comunicação social e lendo-se apenas curso de jornalismo.

Desde 2019, o novo projeto pedagógico, coordenado pelos membros do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Departamento de Comunicação Social citados na introdução deste livro, gira em torno de eixos de estudos contemporâneos contemplando as novas linguagens do webjornalismo e demais vertentes da cibercultura. Alguns enfoques contidos no documento são: o estímulo à participação ativa do aluno em sala; a integração do ensino, pesquisa e extensão; a interdisciplinaridade; o diálogo entre teoria e prática; e a oferta de capacitação multiprofissional.

Ademais, é interessante ressaltar que uma maior variedade de disciplinas relacionadas ao território foi adicionada na programática, como: jornalismo comunitário e desenvolvimento regional, jornalismo comunitário e do terceiro setor, pesquisas latino-americanas em comunicação e jornalismo, introdução ao mercado local, e realidade social, econômica e política do Brasil. Ou seja, disciplinas favoráveis para pensarmos o jornalismo hiperlocal.

Tendo em consideração a mobilidade, conforme se fez notória uma presença massiva de plataformas móveis com influência difusa no jornalismo e na sociedade de maneira geral, expandiu-se, então, uma aliança entre a arquitetura tecnológica e a comunicação com viés territorial, abrangendo as redes sociais móveis e desencadeando um ecossistema de pesquisa completo a ser analisado e estimulado cientificamente. Silva (2015) descreve as últimas duas décadas como as principais para a consolidação do jornalismo móvel digital, sendo estas designadas pelo autor como a quarta (2000) e a quinta fase (2010) respectivamente. A quarta etapa é demarcada como a precursora do jornalismo móvel e incrementa a atuação da conexão ubíqua junto ao aparecimento dos *smartphones*. Enquanto a quinta é norteadada por fatores da era pós-computador como a multimodalidade, a cultura de aplicativos e a capacidade *tech* de alta velocidade e transmissão.

Tal contexto de definições possibilitou a construção de diversas bases de estudo institucionais referentes à cultura da mobilidade no ensino da comunicação, variantes que foram elaboradas a partir do perfil de deter-

minada região, da metodologia educacional e da influência de temáticas de cunho social na distribuição curricular.

Utilizaremos aqui a delimitação entre fatores exógenos e endógenos, assim como elencado em estudos da Rede Icod (2006), na intenção de recordamos algumas marcas que ancoraram de forma permanente o digital e composições afins no campo de estudos universitários da comunicação. Primeiro, tendo em vista os fatores exógenos, ou seja, ações de caráter exterior, os pesos responsáveis para a incorporação foram: a pressão dos setores de mercado, a penetração das TICs na sociedade, a atenção às exigências da sociedade e, finalmente, as políticas estatais. Para além, os fatores endógenos, portanto, causas derivadas do próprio contexto universitário, contornaram temáticas como: a dimensão da universidade, o interesse e a oferta docente para lidar com o digital, o processo de convergência universitária, a flexibilidade do sistema para mudanças nos planos de estudo, dentre outras questões.

Dando prosseguimento à análise da infraestrutura digital, é fundamental percebermos o potencial que as mídias digitais móveis asseguraram nas bases de estudo das universidades e como os desafios lançados por esta tendência evocaram a direção inovadora na formação em velhas e novas áreas do ensino do jornalismo. É importante nos atermos a este ponto para espelhar que, apesar de um amplo arcabouço tecnológico disponível e uma variedade de especializações jornalísticas, o eixo correto da digitalização nos cursos de formação tem como guia uma contínua didática voltada para a visão oportuna de quaisquer formatos midiáticos no sentido de valorizar o proveito de cada experiência comunicacional:

Já que as mídias digitais alcançaram uma relevância indiscutível, com um futuro lá na frente em que em tudo o digital há de se tornar cada vez mais importante, é preciso treinar profissionais que sejam criativos e capazes de inovar. Não é tanto uma questão de fornecer aos alunos uma qualificação instrumental avançada, como uma questão de desenvolver dentro deles um juízo sensato a fim de conseguir produtos editoriais inovadores e de qualidade, aproveitando ao máximo o enorme potencial de comunicação destas tecnologias (Salavería, 2011, p. 143-144).

Considerando o conjunto de perspectivas, é visível que formar jornalistas para o ambiente digital traz à tona desafios a serem superados nas mais diferentes realidades de ensino envolvidas à comunicação. Canavilhas (2011, p. 19) atribui que o difícil paradigma entre o ambiente de formação dos jornalistas e os veículos de mercado pode ser facilitado se as universidades permitirem uma relação de parceria com as empresas, alimentando uma troca de interesses comum para as demandas profissionais que se impõem no trabalho jornalístico das duas áreas. Além do mais, uma posição dianteira no tocante aos processos que estão por vir resulta em adaptações astutas e precavidas da academia no sentido de instigar ações consonantes com as exigências mercadológicas:

Num plano mais prático, o ensino do jornalismo deve procurar andar sempre um passo à frente do mercado. Não basta formar alunos para as necessidades atuais das empresas, é preciso antecipar o futuro e desenvolver projetos de investigação que integrem esses mesmos alunos. A criatividade dos estudantes, aliada à experiência dos professores envolvidos nos projetos, produzirá certamente propostas mais sustentadas que podem ser incorporadas posteriormente nos planos de estudo. Só assim será possível formar profissionais multitarefa e multiplataforma, duas características essenciais para as empresas.

Pelo conceito, a tutela da fundamentação transdisciplinar é viável somente através do seio da academia, deixando o papel das redações jornalísticas com a função de aprimorar conhecimentos previamente adquiridos. Por fim, averiguamos que, ao ressaltar a exploração de quaisquer formas de conteúdo dentro do ensino digital do jornalismo, deve-se considerar, sobretudo, que não tratamos de uma reflexão análoga deste modelo em comparação à manifestação analógica, mas, sim, de um retrato complementar das disposições tecnológicas para a educação formativa dos jornalistas.

Nova roupagem do comunicador em alta velocidade

Ao abordar o jornalismo móvel dentro do processo de digitalização, enxergamos a relevância de apontar atribuições prevalentes do espaço-tempo dentro da categoria e, principalmente, expor como esta conjunção

lançou determinações para a construção do perfil jornalístico nos dias de hoje. Como sustentado por Teixeira (2011, p. 148), apesar de a qualidade da informação não depender estritamente do emprego das potencialidades do ciberespaço, a exploração de diferentes recursos digitais na produção de conteúdo jornalístico é de extrema importância para alavancar o domínio em rede. Partindo deste viés, presumimos que o reposicionamento de uma identidade do jornalista focada em assumir os modelos intrínsecos às redes telemáticas demandaram novas responsabilidades para a capacitação nos órgãos de ensino, para a requisição mercadológica e para o investimento de autoformação dos profissionais.

A quebra do estigma analógico em favor do tecnológico ascendeu competências primárias no fazer jornalístico e ergueu uma atmosfera-base para, a partir de então, seguir o domínio de expressões pertencentes aos mecanismos digitais. A naturalização de fatores introduzidos na experiência básica imprimiu propósitos superiores no ramo profissional dos meios de comunicação e eclodiu uma carga homogênea de funções integradas ao exercício do comunicador. Toda esta condição favoreceu a organização de estratégias comuns verificadas no âmbito de ensino e programou a adaptação dos jovens profissionais nos veículos jornalísticos, ao mesmo tempo em que, propôs desafios no que diz respeito à orquestra polivalente exigida na dinâmica de trabalho – especialmente as de trato móvel.

Como analisado por Corrêa (2011, p. 44), é difundida a ideia de que a última década trouxe de vez os modelos de negócios para a mídia digital, assim como observado nos anos 2000, com a diferença de que a fase atual foi absorvida “por novos formatos de públicos e modos de acesso e transmissão: a formação de comunidades, a inserção da noção de compartilhamento, a vinculação da informação a diferentes tipos de conceitos midiáticos transportados para o ambiente digital, especialmente a imagem e o som”. Estes campos de imersão da *web* fizeram com que as exigências do fazer jornalístico envolvessem uma carga além da coordenação de notícias na esfera tecnológica digital; mais do que isso, o profissional obrigou-se a mediar a viabilização da informação no imenso circuito de interações online. Neste trecho, é oportuno lembrarmos que a proliferação da internet em larga escala, assim como possibilitou o acesso à informação, tam-

bém facilitou a desinformação e, conseqüentemente, a colheita e transmissão de dados.

Se, de fato, o acesso às possibilidades que a tecnologia coloca em cena facilita o trabalho do jornalista, que pode transmitir com mais eficiência e rapidez suas informações, colher dados e estar conectado às notícias do mundo, há que se ter em mente que a profusão de informação significa muitas vezes acesso à desinformação. Colocam-se em rede dados errôneos, calúnias, difamações, informações truncadas, erradas etc. É preciso conhecer para selecionar, sob pena de cair em armadilhas infundáveis (Caetano; Barbosa; Quadros, 2011, p. 83).

Ou seja, antes de nos atermos a alguns dos possíveis suplementos que os jornalistas em formação são indicados a adotar, é imprescindível termos em mente que o sustento destas narrativas estratégicas neste livro é definido visando lógicas argumentativas favoráveis ao composto da perspectiva móvel. Portanto, iremos discorrer sobre questões como a polivalência, o surgimento de novas figuras no jornalismo, a autoformação profissional e o tripé teórico-prático – os dois últimos mais destacados no teor da educação. No entanto, ressalta-se que são delimitações gerais e, certamente, incapazes de comportar as múltiplas premissas abrangentes na comunicação social em virtude dos efeitos acolhidos na postura jornalística com a transformação do papel desta classe na rede.

Ao experimentarmos um primeiro olhar ao fenômeno da polivalência, nos damos conta de que o artifício-mor deste recurso é o fato de abarcar as demais funções que refletem a figura do comunicador do novo tempo e do comunicador em mobilidade. É no trabalho multimídia e multiplataforma que o teor polivalente descarrega uma premissa responsável por impelir diversos atributos ao jornalista convencional e condiciona o profissional a situações que exigem competências extraordinárias. Enxergamos que o jornalismo digital móvel anseia e estabelece uma dominação versátil e multimodal das técnicas de produção do conteúdo midiático, sem uma devida ambientação destas estratégias no desempenho acadêmico em totalidade. Questão similar à enfrentada pela convergência jornalística, que carrega um histórico difícil de plena implementação nas universidades, também, por estar associada de algum modo à polivalência.

Salaverría e Avilés (2008), ao investigarem a identidade do comunicador na convergência jornalística, defendem que os grandes veículos de comunicação se apropriam da polivalência em caça de “provedores de conteúdo”, capazes de informar em quaisquer plataformas e de arrebatarem números de audiência cada vez maiores. Atendendo a esta narrativa, os autores alertam que a mudança de estilo profissional pode partir do que, inicialmente, é uma diversificação de habilidades e reconhecimento dos novos hábitos do público em prol de uma alternativa que se torna uma ameaça para a qualidade da notícia e para as atividades que dependem deste modo de jornalismo. Isto porque, a fusão de tarefas constrói uma zona de trabalho sucateada e inclina o jornalista à realização de afazeres que não lhe são próprios. Em resolução desta perspectiva, avalia-se que não é indicado ao jornalista abrigar todas as temáticas e, sim, crer nas potencialidades da polivalência como forma de produção.

O produto da polivalência, a multimídia, é justamente a regência do perfil designado para os profissionais da informação móvel nos dias atuais. Nos estudos acerca da exploração digital multimídia, Salaverría (2014, p. 47-48) elenca a infografia digital e, posteriormente, o vídeo como os principais formatos que contribuíram para a unificação da oferta multimídia integrada. O autor considera que o eixo dos dispositivos móveis foi primordial para alavancar as inovações do suporte multimidiático, tendo em vista que a própria configuração do fazer jornalismo móvel é encarregada de uma teia produtiva diretamente associada ao paradigma multimídia. Ademais, “já não se trata, apenas, de apostar neste ou naquele formato em particular, mas antes de investigar as possibilidades oferecidas pela articulação de vários formatos”.

Podemos argumentar que as marcas do processo de avanço digital, como a portabilidade de equipamentos, a utilização de redes sociais e a implementação de circuitos de alta velocidade facilitaram o rápido compartilhamento em diversas plataformas e aceleraram a condição multitarefa dos repórteres em campo. Ações que demandam do jornalista móvel uma organização com as potencialidades de emissão, com a instantaneidade da notícia e, indo além, com interposições decorrentes da distribuição noticiosa, como o manejo de redes sociais em modo *full time*.

Mesmo com o grande volume de mudanças em direção ao jornalismo *mobile* e hipermediático, conferimos que a transição das práticas jornalísticas pode ter se firmado já completamente nos grandes veículos de notícias, mas, justamente na base desta pirâmide, encontramos a produção noticiosa em nível hiperlocal e seus produtos informativos com dificuldades de adaptação.

Jerónimo (2017), através de estudos sediados em Portugal, sublinha que os profissionais de imprensa em geral dispõem de certa resistência à integração de canais tecnológicos nas rotinas produtivas, visto que os indicadores de audiência revelam um ambiente de constante pressão aos jornalistas e em resultado desta medida provocam a perda da autonomia profissional. Afinal, o que é mais relevante na equação da notícia contemporânea é o *big data* ao invés dos critérios editoriais. No caso da imprensa regional, portanto de atuação hiperlocal, o autor visualiza que a dificuldade de transição para as plataformas digitais é ainda mais acentuada pelo fato de que uma maioria deste mercado vem de décadas de experiência nos meios tradicionais. E, apesar da integração da internet estar próxima há tempos, em perspectivas práticas, a grande rede é utilizada sobretudo, no espaço das rotinas de pesquisa e comunicação da imprensa tradicional, sendo menos evidente em uma esfera de inovação, criação e gerenciamento de conteúdo multimídia.

Somado a estes fatores, o autor reitera, ainda, que as agências de notícias estão cada vez mais atentas a quaisquer conteúdos informativos observado nas redes sociais ou encaminhados pelo correio eletrônico. Desta relação, surge uma fixação pela “secretária” em que o jornalista acaba rodeado de funções que não lhe cabem, como o papel de gestor de redes sociais ou revisor:

Perante este contexto, o tempo e o espaço para o desenvolvimento de outros géneros jornalísticos mais densos, como a reportagem ou a entrevista, são cada vez mais escassos. Os jornalistas passam cada vez mais tempo na redação e menos na rua. A edição de conteúdos externos sobrepõe-se à produção própria (Jerónimo, 2017, p. 91).

Apesar da análise de Jerónimo (2017) ter como base o jornalismo hiperlocal realizado em solo português, consideramos de um modo geral como a perspectiva da multimedialidade, polivalência e demais fenômenos

potenciais do jornalismo em mobilidade podem sofrer variáveis de acordo com cada território e, neste caso, a partir de cada vertente jornalística. O jornalismo hiperlocal tradicional faz, à sua maneira, tentativas de obter sucesso dentro da cena dos dispositivos móveis na mesma frequência em que lida com a pressão dos algoritmos de audiência, a transição para novas práticas editoriais, demasiadas funções de trabalho e o aceleração de tarefas do cotidiano jornalístico. Nesta análise, a falta de espaço para o repórter ir, de fato, ao campo é questionada. O que nos faz refletir, também, questões sobre a acessibilidade da prática do jornalismo móvel aos profissionais, não somente na cena hiperlocal de redações tradicionais, mas, certamente, em quaisquer ambientes mercadológicos com propensão ao caráter digital móvel, dentre eles, os estágios preparatórios obrigatórios ou não-obrigatórios realizados pelos graduandos.

Podemos conferir que, tomando como indicativo os estudos destacados, as escolas de ensino do jornalismo – e aquelas que ministram a informação em mobilidade em suas linhas de educação – são as dirigentes encarregadas de conduzir a interlocução entre a esfera da polivalência e o grau formativo nos jovens profissionais. Dentro deste viés, é possível incluir um diálogo visionário para despertar a participação investigativa nas temáticas que envolvem o processo de confluência de várias mídias e conteúdos com o jornalismo e tecnologias. Esta questão nos mobiliza a apontar uma presença acadêmica insuficiente na detenção dos objetos de estudos no que corresponde o jornalismo móvel, as novas tecnologias digitais e, seguramente, as derivantes deste enquadramento, como a função polivalente acrescentada ao novo comunicador.

Devemos considerar, também, que o aprimoramento do ensino digital móvel e multitarefa na formação universitária não é dependente exclusivamente da experimentação acadêmica. A capacidade de autoformação consolida-se como uma passagem fundamental na captação e transmissão de conhecimentos nos laboratórios de trabalho dos graduandos. Haja vista que, conforme sustenta Machado (2007, p. 17), o equilíbrio entre a fronteira do compartilhamento de saberes em nível individual e coletivo é o grande desafio para concentrar competências primordiais na formação do comunicador, pois, “de um lado, nenhum aluno deve abdicar da iniciativa individual e da ocupação do próprio espaço na busca contínua pela

qualificação formal e política. De outro, cabe a advertência de que o conhecimento é uma produção social, uma obra comum e colaborativa”.

Como consequência destes preceitos observamos que, para a universidade e os jornalistas em formação, especialmente os de vertente móvel, adaptarem-se às exigências constantes da efervescência mercadológica é necessário, antes de tudo, a compreensão e delimitação de um significante comum entre as prerrogativas jornalísticas e as determinantes elencadas como parte de um novo papel do comunicador e/ou da comunicação.

A fórmula multimidiática, como vimos anteriormente, é um exemplo absoluto de conceituação abstrata para inclusão nos moldes de mercado e para o encaixe dos moldes acadêmicos no jornalismo. Nela, identificamos uma dificuldade estrutural de coordenação de limites com as demais áreas da comunicação social e até mesmo com outras áreas de estudos, outros postos de trabalho. Expomos finalmente que esta intersecção confusa, quando próxima do processo de transformação e rearranjo das bases funcionais do jornalista, pode gerar riscos como a incidência de blocos extradisciplinares sem caráter de acréscimo ao papel jornalístico e, de forma mais complexa, o aparecimento de novas figuras profissionais nas rotinas produtivas, que devem ter suas respectivas trajetórias devidamente investigadas.

A instância teórico-prática

A interação do ensino do jornalismo abrangendo as tecnologias digitais móveis pode vir a ser possibilitada pelo diálogo entre teoria e prática na contextualização acadêmica. A universidade é um constitutivo de módulos sociais para a geração de conhecimento e a união destas áreas, sendo o teórico referente à pesquisa e a prática referente ao ensino experimental, reforça a dimensão educativa no desenvolvimento dos profissionais para as questões que são colocadas na realização do trabalho perante a sociedade.

A pesquisa é reconhecida por Machado (2007, p. 15-20) como a construtora do viés autônomo de aquisição do saber, pois, através da exposição às leituras sistemáticas e à elaboração de textos científicos, espera-se que os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem recolham baga-

gem o suficiente para adentrar reflexões teóricas e reter possíveis implicações concebidas no campo da ciência da comunicação, bem como “desconstruir e reconstruir” conceitos preexistentes.

Em defesa disto, Machado (2007) alerta que, no que diz respeito à mediação das tecnologias digitais nas instituições de ensino, os cursos de jornalismo dependem da existência de uma cultura de pesquisa para que esta rede possa superar planos disciplinares fragmentados em disciplinas isoladas. Vemos nesta premissa que os círculos da comunidade universitária em busca de uma proximidade de ideias e de uma troca de compreensões acerca de determinados objetos de estudo estimulam um rito favorável na aplicação de metodologias e instruções experimentais para, posteriormente, lidar com tecnologias instruídas para a informação digital.

O caráter coletivo é intrínseco às práticas de pesquisa em tecnologia e é classificado como um componente democrático ao ensino cidadão e a inserção de futuros jornalistas capacitados no que compete à ocupação de posições prevalentes nas organizações midiáticas. Aliás, o contato com o setor mercadológico é um termômetro fundamental para uma avaliação consistente da investigação teórica e para uma implantação de habilidades a serem testadas no intercâmbio prático do ensino em laboratório.

Os laboratórios de pesquisa e os laboratórios de ensino são extensões da educação em sala de aula com objetivos diferenciados, contudo, se caracterizam como instâncias do conhecimento complementares umas às outras. Conforme discutido por Machado (2007, p. 17), a prática reprodutiva nos centros de comunicação transformou-se de uma perspectiva vigente no ensino-aprendizagem em um modelo a ser reprogramado para o nascer do ensino a nível experimental. No âmbito do laboratório de pesquisa, os estudos partem do princípio científico da investigação teórica e de implicações resultantes das questões colocadas em cada área da comunicação. Deste mesmo modo, é possível refutar, reincorporar ou criar conceituações diante do contato da comunidade de pesquisa com as referências acadêmicas. Posteriormente, os saberes apreendidos e incorporados pelos membros pesquisadores são transpassados à ciência de ensino baseada em experiências, onde em laboratório aplicam-se novas técnicas, linguagens e produtos para alimentar os processos de compreensão e produção de conhecimento.

A dicotomia teoria e prática tende a desaparecer porque, através da reconstrução e da construção do conhecimento, a teoria constitui uma esfera de compreensão dos limites e da necessidade de atualização da prática e a prática funciona como uma espécie de campo de provas para testar as hipóteses teóricas e apontar as lacunas existentes nas teorias estabelecidas (Machado, 2007, p. 17).

Ainda na obra de Machado (2007), é possível enxergar que a dinâmica das tecnologias digitais se insere no âmbito do ensino-aprendizagem provendo novos sentidos às mediações de autores envolvidos no sistema de educação das instituições de comunicação. Estas tecnologias, incluindo as de acordo com a mobilidade, são destacadas como flexíveis o suficiente para a adaptação possível de cada curso em torno de propostas específicas e autorais. Partindo desta referência, entendemos que o entorno da pesquisa não deve se limitar ao grau de formação, ou seja, um grau distinto entre graduandos e pós-graduandos, mas, sim, planos de formação que amparam todo o ensino superior e que zelam como princípio unificado comunidades de pesquisadores. No que se refere ao experimental, os pesquisadores desta rede devem se certificar de tomar como objetivo maior, além da avaliação das técnicas-padrão e noções concretizadas no mercado, conceder apoio integral ao que é proveniente da pesquisa universitária.

Portanto, colocamos o entendimento de que são justamente as propostas que visam um cunho identitário próprio que, a partir da colheita em laboratório, colocam em prática métodos processuais para a extração de respostas confiáveis. Contribuindo, assim, para uma proposta consciente da instância teórico-prática na comunicação social ao apropriar-se do intercâmbio laboratorial para a devida atualização de conhecimentos dentro e fora do espectro ao redor do campo de trabalho.

Em considerações finais, podemos compreender que os laboratórios de pesquisa e os laboratórios experimentais são modalidades que se fundem dentro do ensino do jornalismo como propagadores de uma meta comum: pautar inovações e demonstrar ideias que aprimorem a área da comunicação. Neste processo, as novas tecnologias digitais e a capacidade móvel orientam um perfil de necessidades prioritárias para a convergência dos meios e para as consequentes atribuições que esta vertente repercute no que concerne elaborar, constatar e reverberar contribuições que esta-

beleçam funcionalidades palpáveis e resistentes às transformações midiáticas ao longo do tempo. Junto a esta observação, acreditamos que um ambiente acadêmico virtualizado em direção à pesquisa científica envolta em tecnologias digitais, especialmente móveis, influencia uma comunidade de ensino-aprendizagem consciente dos processos teóricos e práticos apreendidos nos laboratórios de ensino.

Concordamos que, da mesma forma que esta perspectiva pode validar boas práticas no eixo do ensino do jornalismo evidencia, também, dificuldades que se impõem ao visualizar a concepção desta ideia no cotidiano em sala de aula. Segundo Lavallo (2017, p. 46), a inclusão das novas tecnologias no ensino é avaliada como um dos principais pontos a serem modificados nos cursos de jornalismo brasileiros, pois, muitas vezes, “o ensino-aprendizagem de jornalismo é governado por estruturas tecnologicamente anacrônicas, o que precisa ser superado”. Esta questão nos mobiliza a apontar uma presença acadêmica insuficiente na exploração do jornalismo móvel, das novas tecnologias digitais e, seguramente, as derivantes deste enquadramento, como a função polivalente acrescentada ao novo comunicador.

Apesar de intensos debates e do grande número de cursos superiores de jornalismo no território brasileiro, o cenário discrepante do ensino de novas tecnologias digitais nas universidades pode ser resultado, em acordo com Lavallo (2017), da falta de pesquisas e estudos que estejam direcionados para a realidade do ensino de jornalismo no Brasil que possam embasar a discussão sobre a importância e a direção da formação superior na área. O vácuo de oferta tecnológica nos programas curriculares das instituições de comunicação, a falta de professores especializados na temática das tecnologias digitais móveis, a pouca infraestrutura nos laboratórios de pesquisas das instituições, o desmonte à pesquisa acadêmica, e o distanciamento entre as instituições de ensino e o ambiente mercadológico, de fato, são peças que não contribuem para o alinhamento de estratégias que fortaleçam o ensino teórico-prático.

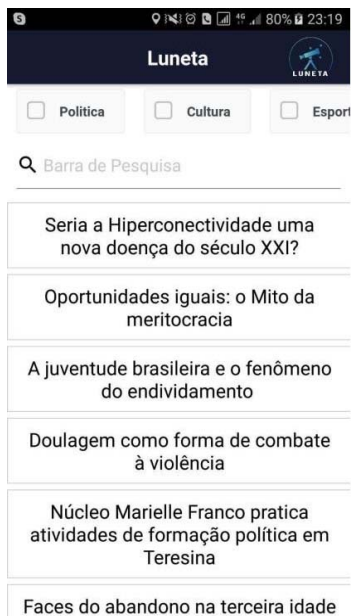
Reconhecemos, portanto, que o jornalismo vinculado à tecnologia em mobilidade é uma produção comunicacional que pode acender um alerta para a superação deste cenário. Aqui, o movimento e os aparatos da mobilidade são justamente a centralidade de estudo, por isso é de suma im-

portância exercê-lo. Temos nesta vertente uma saída menos dependente das rédeas institucionais, onde é possível – e inclusive mais indicado – pensar a pesquisa científica com maior autonomia, fora das barreiras da universidade. Desta maneira, enfim, consolidamos um ensino acadêmico que expande suas teorias em práticas coletivas junto à sociedade, onde a pesquisa científica é revigorada com alternativas inclusivas, acessíveis e antenadas com a mobilidade em si.

Aplicativo *Luneta*: o produto e o processo

Ao designarmos os aspectos referentes ao produto, estamos caracterizando-o como um aplicativo móvel (API), dotado de uma *web* plataforma e suportado para o sistema operacional *Android* (Google). O aplicativo encontra-se com a primeira versão finalizada para *download* e está disponível ao público na loja de produtos *Play Store* (Google). Já o formato *web app*, é acessível a todos a partir de qualquer navegador conectado à internet pelo domínio <luneta-6a5eb.web.app/>. Ambos os sistemas compartilham o mesmo conteúdo informativo projetado para o *Luneta*.

O protótipo do *Luneta* é pensado como uma tecnologia pedagógica atuante dentro do Curso de Jornalismo da UFPI, direcionado a partir da nova matriz curricular que incorpora diferentes linguagens webjornalísticas e frentes das tecnologias midiáticas digitais. A proposta fundamental é fazer com que os graduandos realizem a produção de notícias em mobilidade com o intuito de manter a comunidade acadêmica informada com os acontecimentos de cunho hiperlocal. Para viabilizar esta possibilidade dentro do protótipo, trabalhamos com dois painéis distintos: o painel de visualização do leitor e o *dashboard* da equipe administradora.



Captura de tela pelo smartphone da página inicial do aplicativo

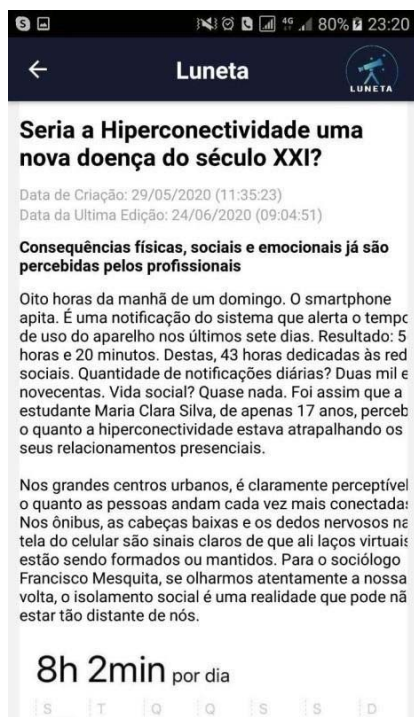
Nas tratativas de construção do *Luneta* nos atentamos à formação de uma equipe transdisciplinar. O editorial é proposto pela área de Comunicação Social/Jornalismo, especialmente pela professora-responsável pelo projeto, Juliana Fernandes Teixeira, e por uma bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), Victória Dailly Alves Mineiro. Estas são responsáveis pelo desenvolvimento das narrativas de conteúdo veiculadas nas plataformas de divulgação on-line. A linha editorial é centrada integralmente no interesse em prover aos graduandos em jornalismo uma socio-aprendizagem vinculada ao jornalismo móvel e integrada aos dispositivos digitais móveis, como o *smartphone*. Guiada, também, de igual importância, pelo público leitor que tem como foco a comunidade acadêmica no geral e, a partir desta ideia, sendo contemplada na produção informativa do *Luneta* a partir de princípios jornalísticos da esfera de proximidade.

Ainda no viés transdisciplinar, o intercâmbio de conhecimentos estabelecidos com a área de Tecnologia da Informação acrescentou de modo significativo no que tange o protótipo do *Luneta*. Toda a construção do sistema ficou sob a responsabilidade de um bolsista de Iniciação Científica Voluntária (ICV), Mayron Moura Soares Junior, e de seu supervisor, o então superintendente da Superintendência de Tecnologia da Informação (STI/UFPI), professor Ricardo de Andrade Lira Rabêlo. A concepção do protótipo do aplicativo móvel, bem como da *web* plataforma e demais recursos de lógica operacional dos sistemas, foram elaborados por estes desenvolvedores técnicos, evidentemente, buscando sempre o parâmetro de uma estrutura viável e autoral adaptada às necessidades do foco partilhado pelo *Luneta*.

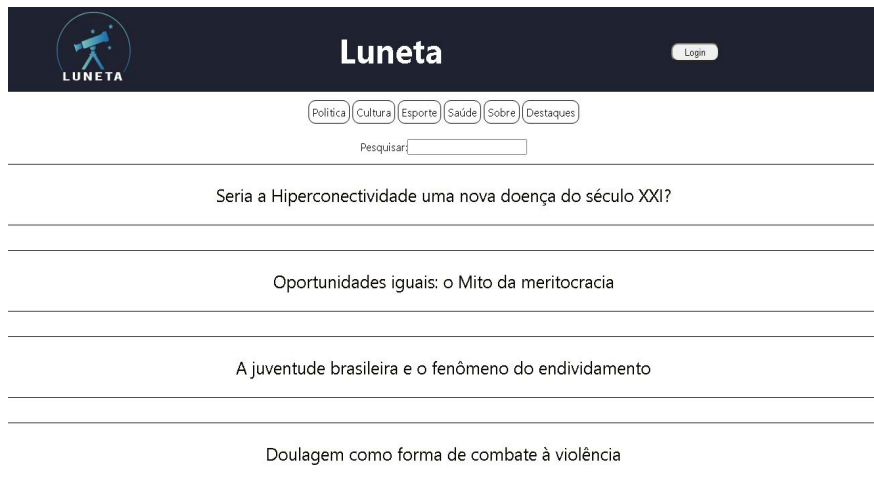
A interface direcionada ao usuário consiste em um canal com aplicações funcionais, possibilitando a interação de leitores habituados a consumir notícias por dispositivos móveis e em redes sociais, mas podendo, de mesmo modo, abranger o público não experiente com estas ações através dos mecanismos de acessibilidade implementados. Para demonstrar este fator, cuidamos para que no painel inicial estivesse presente a visão completa dos recursos do aplicativo em um único plano.

Deste modo, há os indicativos de leitura (de cima para baixo) compostos pelas editorias (Política, Cultura, Esporte e Saúde), pelos “Dest-

ques”, aba com a função de elencar as principais notícias, e pelo “Sobre”, página destinada à descrição do projeto e seus integrantes. Logo abaixo destes componentes há uma caixa de pesquisa onde os leitores podem colocar palavras-chave para a busca de notícias de forma instantânea. Quanto ao painel de notícias, é possível visualizar o título e, ao clicar sob o título, está disposto um breve resumo contendo os repórteres responsáveis pela matéria, um subtítulo descritivo e o botão “Leia Mais”, para conduzir à matéria completa.



Capturas de tela pelo smartphone. À esquerda, interface principal do protótipo. Ao tocar na notícia é possível visualizar um breve resumo. À direita, página de leitura da notícia



Captura de tela pelo navegador da página inicial do web app Luneta

Na prática, De Camargo (2017) aponta que o jornalismo em mobilidade adentra o status do jornalismo digital contemporâneo de acordo com a bússola da mobilidade, podendo ser trabalhado por meio da convergência midiática, mas contendo abordagens específicas fixadas às questões técnicas dos dispositivos como tamanho da tela, capacidade de armazenamento, memória de processamento, geolocalização, tela tátil e demais recursos. A autora analisa que a tendência desse segmento atribui uma potencial classificação do jornalismo móvel como um subgênero do jornalismo, se verificarmos neste cenário o jornalismo digital como gênero de campo. A contínua transformação dos sistemas de notícias móveis tem favorecido a atuação do jornalismo hiperlocal e renovado a informação de proximidade, como espaço de encontro de determinada comunidade, com novas possibilidades de fazer e produzir a notícia.

Por sua vez, o *Luneta* diferencia-se dos meios tradicionais locais ao cobrir nichos geográficos e temáticos que são inviabilizados ou pouco assistidos pelos veículos de imprensa teresinenses. O que permite ao aplicativo uma designação alternativa atuante dentro da mobilidade e em concordância com os preceitos do jornalismo participativo, realidade que carrega

objetivos informativos e cívicos intrínsecos a esta atividade e que torna a colaboração dos cidadãos da comunidade um fator indispensável ao jornalismo (Rey; García, 2017, p. 111).

A customização da notícia através do território provém uma nova estratégia de dar relevância ao local, fundamentação compreendida nos estudos de Adelmo Genro Filho (1987). Para Adelmo, considerando que a notícia está atrelada ao campo da singularidade dos indivíduos, a pirâmide invertida orienta-se através de fatores de impacto, ou seja, através das prioridades do fato. Ao considerarmos a notícia, devemos focar, em primeira instância, em suas singularidades e particularidades. Deste modo, tratamos do indivíduo *per si* e o contexto que o cerca. Em uma instância secundária a estes fatores, encontra-se a universalidade, portanto, referências que agregam um viés menos específico e mais geral à sociedade.

A ênfase na realidade local é apreendida pelo *Luneta* por meio da disponibilidade de temáticas que remetem o leitor ao seu entorno e a questões que podem ser úteis em seu cotidiano perante a vivência acadêmica. Com a massificação noticiosa deliberada pelas *pushed news*, especialmente no ambiente móvel, entendemos que a preservação do valor informativo em um aplicativo com teor hiperlocal é essencial para diferenciar o nosso produto da comercialização mercadológica, em favor de um jornalismo laboratório consciente no que diz respeito a abertura de um pensamento crítico dos leitores com o arredor. Esses pontos são complementares à identidade do produto apresentado neste *e-book*.

Em síntese, o conceito do *Luneta* pode ser definido como uma fonte de notícias em mobilidade no eixo do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí que produz conteúdos em nível aprofundado, a partir do que o hiperlocal gera de informações relevantes. O modelo serve como um meio experimental teórico-prático do jornalismo móvel para os estudantes de jornalismo expandirem os conhecimentos apreendidos em sala de aula, conforme abordado no capítulo anterior de discussão teórica. Destacamos que a nomenclatura “luneta” é derivada do Portal de mesmo nome, criado em 2018 no Curso de Jornalismo da UFPI, sob o comando da professora Juliana Fernandes Teixeira e dos alunos da disciplina de webjornalismo daquele ano.



Logos do portal Luneta (à esquerda) e do aplicativo Luneta (à direita), respectivamente

Pelo conceito, podemos compreendê-la como uma alusão ao formato imersivo – noticioso, que oferece notícias fora do enquadramento *hard news*. Neste mesmo viés, no que diz respeito à marca, figura um telescópio ao centro, mirando para cima e apoiado sob a nomenclatura *Luneta* abaixo.

Metodologia Aplicada

Para embasar as opções metodológicas do *Luneta*, escolhemos a linha de pesquisa aplicada como parâmetro instrutivo diante dos resultados almejados pela equipe. Segundo os estudos de Machado (2018), o déficit de inovação presente no campo jornalístico na atualidade é consequência da escassez de métodos estruturais que trabalhem de forma aplicada sistematicamente nas pesquisas científicas. O autor destaca que, diante de poucas exceções, historicamente os estudos em jornalismo são, em maioria, de viés teórico e descritivo e não há uma prioridade definitiva de aproximar a esfera científica de empresas do ramo tecnológico. Estas últimas que, por ventura, poderiam auxiliar um estímulo ao desenvolvimento de produtos, linguagens e arranjos de inovação na ciência.

O autor ressalta, ainda, que nas últimas décadas as organizações jornalísticas sofreram uma substituição no caráter de formação da esfera pública para os oligopólios de tecnologia que impulsionam as TICs e, consequentemente, as estratégias de financiamento dos centros científicos entraram igualmente em queda dentro do ambiente de “capitalismo informacional”. Desde os anos 2000, as instituições de ensino e as agências de comunicação social enxergam, a passos lentos, a necessidade de ampliar ações que estruturam laboratórios de inovação com o objetivo de implantar novos processos, técnicas e formatos para alcançar um bom posicionamento dentro da competitividade econômica (Machado, 2018, p. 15).

Uma vez que a metodologia aplicada é a precursora de projetos com foco prático, Machado (2018) designa que a diferença das ações empíricas puras para as de cunho aplicado é que, no caso da segunda, há a oferta de soluções a problemáticas concretas através de um olhar inovador, incluindo o alcance de protótipos e tecnologias. Para arrematar esta lógica, o alerta realizado pelo autor é que as universidades podem trabalhar por processos de reestruturação das práticas institucionais e pela atualização dos laboratórios experimentais, alternativas estas integradas ao conjunto de sistemas locais, nacionais e internacionais que miram a valorização e projetam visibilidade à ações inovadoras.

Na ótica da instrumentalização jornalística envolta ao digital e demais configurações deste campo, a análise de Franciscato (2017) respalda o estudo anterior no que concerne à carência de análises metodológicas inovadoras que consigam abarcar de forma efetiva as práticas do jornalismo digital contemporâneo, especialmente, perante intensas transformações nas atividades jornalísticas na atualidade:

Se novas faces do fenômeno jornalístico vêm sendo configuradas em virtude das mudanças contemporâneas no ato de produzir jornalismo em ambientes digitais, tomamos como hipótese que, para evitar um desencaixe entre o mundo fenomênico e os modelos interpretativos e de pesquisa, as investigações necessitam renovar suas metodologias de pesquisa. Sugerimos, então, que a questão metodológica possa ser classificada como um problema conceitual no qual, no âmbito do método lógico da ciência, seja refletida e adequada ao ferramental metodológico para a produção de conhecimento científico. Em outras palavras,

indicamos que uma eventual inadequação entre a metodologia de pesquisa e as novas configurações do fenômeno jornalístico no ambiente digital possam constituir-se como problemas de pesquisa a serem enfrentados particularmente pela investigação em jornalismo digital (Franciscato, 2017, p. 35).

Diante destas constatações, entendemos que o papel do *Luneta* está intrinsicamente ligado ao de endossar modelos inovadores necessários para as práticas metodológicas das ciências da comunicação e para a movimentação técnico-prática dos estudos em jornalismo e dispositivos móveis da UFPI.

Por esta razão, o campo aplicado empregado no desenvolvimento deste aplicativo segue os métodos instruídos por nomes das áreas da comunicação social e da ciência da computação que dissertam sobre a aplicação de protótipos no âmbito das novas tecnologias digitais. Ao discutir os sistemas publicadores no contexto do ciberjornalismo, Mielniczuk e Marques (2007) afirmam que a adequação das ferramentas tecnológicas às rotinas de produção potencializa a familiarização dos jornalistas com recursos da computação, como o banco de dados e as linguagens de programação. Neste esquema, cada produto jornalístico pode ofertar recursos de exploração que aprimorem o uso de cada suporte e, desta maneira, contribuirão para o avanço das técnicas profissionais, sem a necessidade de alçar conhecimentos avançados na área da informática. Os autores destacam a capacidade de um mecanismo autoral:

É possível produzir sistemas publicadores específicos para cada produto jornalístico, que possibilitem inserir no webjornal os recursos técnicos necessários para explorar cada vez mais as características do webjornalismo. As formas criativas de cruzamento e relacionamento das informações inseridas em bancos de dados podem ainda trazer novas estruturas e modelos narrativos aos produtos jornalísticos. (Mielniczuk; Marques, 2007, p. 144).

Na linha editorial, a atuação foi dividida por módulos, considerando as fases de elaboração do protótipo. Em primeiro lugar, houve a busca de aplicativos móveis de outras universidades de ensino do jornalismo com o objetivo de conhecer marcas e tendências que servissem como influência

direta para o *Luneta*. Expressamos que, nesta primeira fase, não obtivemos sucesso devido ao fato de que nenhum dispositivo em atividade foi encontrado para *download* dentro dos moldes ou similar a um aplicativo de extensão para o ensino-aprendizagem com viés jornalístico. Reforçamos que este é um fator considerável para a credibilidade e o olhar inovador do *Luneta* perante os trabalhos científicos desenvolvidos na área de enfoque.

Diante disso, o editorial foi projetado nos testes de avaliação do projeto-piloto. Nesta etapa, houve a transposição de matérias derivadas do portal *Luneta* – criado em 2018 e alimentado todos os semestres, desde então, por alunos da disciplina de webjornalismo (disponível em *portalluneta.wordpress.com*) - para o aplicativo *Luneta*. Ao todo foram inseridos 49 conteúdos distribuídos entre as quatro editorias existentes no aplicativo. O processo de transposição foi crucial para as primeiras impressões acerca dos mecanismos ofertados no protótipo, assim como para a reparação de erros e para a inclusão de recursos adicionais. A exemplo dos resultados desta experimentação, foi incluído um botão *player* da rede social *Youtube* que comporta recursos audiovisuais no *dashboard* que podem ser incorporados no corpo do artigo pelos editores de notícias.

No plano dos sistemas móveis, as etapas que compreendem o desenvolvimento de *software* são cruciais para a obtenção de dispositivos de informação personalizados. Paula Filho (2008) propõe que quatro lacunas são fundamentais neste planejamento: concepção, elaboração, construção e transição. Todas estas fases definidas no processo Praxis (Processo para Aplicativos e Extensíveis Interativos), refletindo uma ênfase no desenvolvimento de aplicativos gráficos interativos baseados na tecnologia orientada a objetos.

Com as devidas orientações propostas pela autora, o *Luneta* apresenta-se como base prática a partir dos seguintes elementos:

Concepção: processo introdutório que tem por finalidade definir o escopo do produto, levantar os requisitos iniciais, definir prazos e demais detalhes. Arranjos que compõem a proposta de especificação do software.

Elaboração: após a validação da proposta, esta é dividida em duas partes: levantamento e análise dos requisitos. A primeira toma como ob-

jetivo revisar e ampliar os requisitos já propostos pela etapa de concepção. Já a segunda, identifica as representações adequadas aos conceitos expressos nos requisitos, bem como os atributos, que servirão como base segura para as próximas etapas.

Construção: caracteriza-se por três (03) subdivisões: desenho inicial, deliberações e testes alfa. A primeira fase é responsável pela divisão da estrutura em camadas, ou seja, criar pacotes lógicos e subsistemas, planejar a usabilidade, pensar soluções para acoplar o modelo interno de desenho e a arquitetura de sistemas e, por último, revisar a proposta de especificação de requisitos. Na segunda fase, é a vez da implementação e da avaliação do conjunto de funcionalidades pelos desenvolvedores. Etapa que pode aumentar deliberações de acordo com a necessidade do projeto. Na terceira fase, por fim, são realizados os módulos de testes, ações que irão validar os mecanismos implementados nas deliberações, como também, discutir soluções para os possíveis problemas.

Transição: a última execução, sendo subdividida em duas partes - testes beta e operação piloto. Na primeira, são repetidos os testes de aceitação, agora com usuários e ambientes reais, juntamente com eventuais problemas que serão identificados e solucionados. Na segunda, a operação piloto é a fase em que se realiza um experimento do produto em uma instalação piloto do cliente, com a resolução de eventuais problemas através de processos de manutenção. Ao fim é gerado um relatório final do projeto onde são resumidas as métricas importantes e as lições para projetos futuros.

Tendo em vista as referentes considerações explicaremos os processos efetuados na programação de sistemas do *Lumeta* detalhadamente no campo “desenvolvimento do protótipo” deste livro. Como já manifestado na introdução deste capítulo, durante as etapas de construção do projeto foi deliberado um modelo primário do aplicativo (Anexo A) e um segundo modelo paralelo, correspondente ao *web* aplicativo (Anexo B). Este último escolhido após a decisão de prover um espaço on-line aos administradores, sem que seja necessário utilizar exclusivamente equipamentos *mobile* para lançar matérias no aplicativo.

Com isso, é oferecida ao usuário a execução do aplicativo via *Android* e *web* aplicativo. No momento, não se encontra disponível para o siste-

ma operacional *iOS* (Apple), mas os usuários deste sistema podem recorrer ao site <luneta-6a5eb.web.app/> enquanto o aplicativo não está disponível para a plataforma.

No tocante à validação do protótipo, é fundamental a garantia de que o software atenda às expectativas do público. Afinal, como indica Sommerville (2011), um software de qualidade deve prover funcionalidade e o desempenho requerido pelo usuário, ademais, deve ser confiável e fácil de usar.

A prática de construção do protótipo se fez em torno de três principais etapas, seguindo as métricas recomendadas para qualificar a produção do software. São dadas as métricas normativas que obedecem às recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), em parceria com a *International Organization Standardization* (ISO) e com a *International Electrotechnical* (IEC).

A validação técnica faz parte da análise qualitativa de produção de um software. A partir das normas elaboradas para avaliação de um sistema móvel pela ISO/IEC (9126 e 14598) é fornecido então um formato de qualidade junto a um conjunto de métricas que podem ser utilizadas. O guia de avaliação traz seis amplas categorias definidas em relação à qualidade de um software, tais normativas subdivididas a saber: funcionalidade, confiabilidade, usabilidade, eficiência, manutenibilidade e portabilidade.

Para a seleção dos *experts* em informática foram elencados por Mayron Soares Junior, bolsista desenvolvedor do protótipo do *Lumeta*, um conjunto de critérios baseados em Fehring (1994) e expostos a seguir, figurados para este trabalho de acordo com o perfil de *expertise* desejado. Exibimos os critérios de seleção de juízes especialistas em informática:

Ser doutor na área de interesse*	3 pontos
Tese na temática de interesse	2 pontos
Ser mestre na área de interesse	2 pontos
Dissertação na temática de interesse	1 pontos
Ser especialista na área de interesse	1 ponto
Possuir prática na temática de interesse	0,5 pontos / ano
Possuir autoria de artigos publicados em periódicos na temática de interesse	0,5 pontos / artigo

*área de interesse: engenharia de software, tecnologia da informação.

Captura de tela de quadro montado para a visualização de critérios

Os juízes foram convidados por correio eletrônico (e-mail) através de carta convite. Na ocasião do aceite, foi enviado um *link* para o questionário online em conjunto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o *link* de instalação do aplicativo. Dentre os cinco juízes participantes, todos possuem idade entre 37 a 54 anos, são do sexo masculino e residentes em Teresina (PI). A maior parcela conta com doutorado e formação em ciências da computação (60%), além de experiência nesta temática e na área da docência há mais de 10 anos. Os cinco juízes que participaram da validação técnica estão caracterizados a seguir:

Tabela 01: Caracterização sócio-profissional dos juízes (n=5). Teresina, PI, 2020.

Variáveis	N
Idade	
30 - 49 anos	4
Acima de 50 anos	1
Sexo	
Masculino	5
Feminino	0
Cidade	
Teresina-PI	5
Formação Superior	
Ciências da Computação	3
Microeletrônica	1
Engenharia Elétrica	1
Pós-graduação	
Doutorado	3
Mestrado	2
Experiência na temática	
Menor que 10 anos	0
Maior que 10 anos	5
Experiência com docência na temática	
Menor que 10	0
Maior que 10	5

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Captura de tela da Tabela 01 montada para a caracterização socioprofissional da banca de avaliação

A Tabela 02, por sua vez, mostra a pontuação obtida por cada juiz necessária para participar da validação técnica do aplicativo. Os juízes participantes têm reconhecida *expertise* no assunto e foram considerados aptos para a avaliação, pois suas pontuações foram maiores ou iguais ao mínimo de cinco pontos exigidos:

Tabela 02: Pontuação obtida pelos juízes (n=5) segundo os critérios de seleção, Teresina-PI, 2020.

Juiz especialista	Experiência acadêmica	Experiência profissional	Experiência em docência	Experiência em publicações	Pontuação final
1	3	5	5	20	33
2	3	5	5	10	23
3	3	5	5	1	14
4	2	5	5	0	12
5	2	5	5	9	21

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Captura de tela da Tabela 02 mostra a classificação dos juízes para a participação na avaliação do Luneta

O instrumento de validação utilizado pelos profissionais de informática da banca avaliadora foi um questionário pontuado conforme recomendações para a qualificação de software sugeridas por Scarpi (2014) e de acordo com as seguintes normas da ABNT: ISO/IEC TR 9126, 14598, e 12207. No documento constaram seis métricas qualitativas de uso contendo 27 sub-itens (de 0 a 2 pontos cada) e quatro métricas de comprovação da percepção de qualidade contendo quatro itens (de 0 a 10 pontos cada). As considerações são manifestadas a partir da escala: muito bom (MB) de 85 a 94 pontos; bom (B) de 75 a 84 pontos; regular (R) de 65 a 74 pontos; fraco (F) de 55 a 64 pontos; e deficiente (D) < 55. É importante ressaltar, também, que as métricas presentes no questionário foram conceituadas para facilitar o entendimento e garantir uma avaliação adequada.

JUIZ ESPECIALISTA/ VARIÁVEIS	01	02	03	04	05	Média
Qualidade em Uso	34	35	26	29	37	32,2
Qualidade Funcionabilidade	8	9	8	7	9	8,2
Qualidade Confiabilidade	6	7	7	6	8	6,8
Qualidade Usabilidade	9	6	8	3	7	6,6
Qualidade Eficiência	5	6	6	5	6	5,6
Qualidade Manutenabilidade	7	9	7	3	10	7,2
Qualidade Portabilidade	6	7	5	7	9	6,6
Pontuação Final	75	79	67	60	85	73,2
Classificação	Bom	Bom	Regular	Fraco	Muito Bom	Regular

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Captura de tela da Tabela 03, referente às normativas, mostra a pontuação final (n=5), obtida na avaliação técnica pelos juízes

Conforme demonstrado na Tabela 03, os itens com maior avaliação foram as qualidades de funcionabilidade (8,2 de um máximo de 10), confiabilidade (6,8 de 8), eficiência (5,6 de 6) e portabilidade (6,6 de 8). Em contramão, os itens com menor teor avaliativo foram a usabilidade (6,6 de 10), referente ao fácil uso do aplicativo, e a manutenibilidade (7,2 de 10), compreensão do aplicativo no viés de outros programadores. Durante o processo avaliativo, os juízes não fizeram sugestões e críticas sobre o projeto em questão. Quanto ao aspecto legal, a pesquisa obteve parecer favorável no Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI.

Reiteramos que o aplicativo *Lumeta* é um dispositivo ambientado no seio do Curso de Jornalismo da UFPI e é um produto em nível experimental, sem fins lucrativos. Portanto, este estudo trata das investigações constituídas a partir do projeto piloto, surgindo, à frente, a possibilidade de versões mais atualizadas do projeto. A partir de Sommerville (2011), compreendemos que a etapa de evolução é essencial a ser considerada em protótipos, visto que mudanças e avanços podem ser necessários para a plena atuação e utilidade do programa.

Construção editorial

O conceito editorial nasceu sob a coordenação da professora Juliana Fernandes Teixeira (2020), docente das modalidades de graduação e pós-graduação no Curso de Jornalismo da UFPI, desde 2018. Atualmente, a ministrante é responsável pelas disciplinas de Webjornalismo da instituição, principalmente. Além de ser líder do grupo de pesquisa Jornalismo, Inovação e Igualdade (JOII - joiifpi.com.br), vinculado a esta universidade.

Teixeira (2020) explica que o conceito do aplicativo surgiu na elaboração do projeto de pesquisa necessário para seu ingresso como professora permanente do PPGCOM-UFPI, em 2018, com a tentativa de integrar a própria temática de pesquisa – em geral, voltada para o jornalismo em dispositivos móveis – e as linhas de pesquisa contempladas pelo programa de pós-graduação. Outra intenção era contribuir, tanto com as atividades do

mestrado, quanto da graduação, a partir da produção e alimentação do aplicativo:

A ideia do aplicativo surgiu de um desejo antigo como pesquisadora de desenvolver uma pesquisa aplicada. Afinal, muitas vezes, na universidade, permanecemos nas análises de produtos e processos jornalísticos, sem efetivamente adentrarmos em propostas próprias de execução das ideias que propagamos. Portanto, creio que o aplicativo represente, na minha trajetória, uma materialização mais prática das pesquisas que venho desenvolvendo desde a minha graduação, enquanto bolsista PIBIC, até os dias de hoje (Teixeira, 2020).

Como explicitado ao longo deste livro, o aplicativo *Luneta* é centrado na circulação de conteúdos jornalísticos acerca do território hiperlocal. A linha editorial compreende que as pautas provenientes deste eixo noticioso podem beneficiar a comunidade universitária com informações sobre temas prioritários do cotidiano, incluindo, abordagens das categorias em destaque no menu do aplicativo: política, cultura, esporte e saúde. Mesmo contextualizado no âmbito da UFPI, colocamos à disposição editoriais com dimensão geral para facilitar o filtro das temáticas apresentadas aos usuários, com o livre entendimento de que, se necessário, outras editoriais serão adicionadas em novas versões do protótipo.

A articulação desta frente de trabalho ficou a cargo dos membros da área de comunicação social/jornalismo: professora Juliana Fernandes Teixeira, coordenadora do projeto, e Victória Dailly Alves Mineiro, bolsista de Iniciação Científica (PIBIC). Ambas se encarregaram do módulo de testes editoriais, descrito anteriormente no tópico das ações metodológicas, com o objetivo de transpor todos os conteúdos presentes no Portal *Luneta* em direção ao *app Luneta*. Durante o desenvolvimento da junta editorial, inicialmente foi pensado que os próprios graduandos da disciplina de Webjornalismo Avançado pudessem realizar a transposição dos conteúdos presentes no portal para o aplicativo, a fim de atingirmos maiores dimensões de usabilidade. No entanto, após a eclosão da pandemia da Covid-19 e a conseqüente suspensão das aulas do ensino superior em todo o Brasil, o processo foi repassado para as desenvolvedoras que pretendem auxiliar aos alunos neste quesito após o retorno das atividades presenciais.

Sublinhamos que o conteúdo disponibilizado no Portal foi produzido sob a orientação da professora Juliana Teixeira e os demais graduandos que integraram a disciplina de Webjornalismo Avançado no ano de 2018. Ao todo, 49 reportagens foram selecionadas e integradas à plataforma móvel como forma de verificação dos recursos e ferramentas disponibilizados no aplicativo. Neste processo foram inclusas dezesseis (16) matérias na editoria de política; treze (13) na editoria de cultura; seis (06) na editoria de esporte e quatorze (14) na editoria de saúde.

Nome	Quant de Noticias	
		Adicionar
Política	16	Excluir
Cultura	13	Excluir
Esporte	6	Excluir
Saúde	14	Excluir
Sobre	0	Excluir
Destaques	0	Excluir

Captura de tela pelo navegador na aba “Tags” do Luneta os editores podem visualizar o número de matérias aplicadas em cada editoria

Para fins de melhor compreensão sobre a cronologia do *Luneta*, Teixeira (2020) ressalta que o desenvolvimento do Portal *Luneta*, em 2018, foi essencial para pensar as bases do aplicativo móvel, mesmo que apenas da ótica do webjornalismo. Isso porque, em conjunto com os alunos da disciplina de Webjornalismo Avançado daquele ano, foram escolhidos a nomenclatura, bem como alguns aspectos do design e do caminho editorial do projeto. Posteriormente, como professora-responsável no âmbito da Iniciação Científica 2019/2020, a pesquisadora agregou uma bolsista do Curso de Jornalismo da UFPI (a aluna Victória Dailly Alves Mineiro - PIBIC/UFPI), e buscou parcerias com a Superintendência de Tecnologia da Informação (STI-UFPI) para viabilizar a parte mais específica e técnica que compete ao *app*. Esta última questão avançou, sobretudo, após a vinculação do bolsista Mayron Soares Junior (ICV) ao projeto.

A prática transdisciplinar é uma das correntes do ensino-aprendizagem do jornalismo que mais influenciou o desenvolvimento do *Luneta*. Para Teixeira (2020), sem a transdisciplinaridade proporcionada pela inserção do aluno de Ciência da Computação, a finalização do aplicativo não seria possível. “Embora tenhamos o conhecimento da área da Comunicação, agregar as questões mais específicas inerentes à Tecnologia de Informação não seria viável” (Teixeira, 2020). A coordenadora analisa que a experiência é um reflexo para pesquisas futuras voltadas ao webjornalismo. Afinal, o bolsista Mayron Soares Junior, desenvolvedor do protótipo, teve papel significativo ao ensinar à junta editorial o manuseio do *app* para a sua correta alimentação com conteúdos noticiosos, o que, certamente, irá favorecer mais à frente outros alunos do Curso de Jornalismo.

Acho que um dos desafios da área da Comunicação, sobretudo no âmbito do Webjornalismo, é se abrir e conseguir se inserir em outras áreas. Observando a partir da nossa área de Comunicação, acho que os entraves estão em não olhar para outras áreas, especialmente as mais técnicas no sentido de estabelecer parcerias, por exemplo. Ficamos, muitas vezes, restritos a nossos pares de pesquisa, sem buscar nomes e áreas efetivamente desafiadores (Teixeira, 2020).

Quanto às linguagens disponíveis no produto, o *Luneta* abarca matérias de cunho aprofundado e adota a lógica de produção *slow media*, ou seja, trabalha a pauta com um espaço maior de tempo e a partir de uma configuração que respeita os modos clássicos de elaboração noticiosa, como o elemento da apuração. Prazeres e Ratier (2020) afirmam que o jornalismo, quando se apropria da prática social que dialoga com as tecnologias enquanto ferramentas, ambientes e repertório, é inclinado por uma alta velocidade que interfere na sua produção, distribuição, recepção, que, de mesmo modo, reabastece a estrutura mercadológica. Neste sentido, ao se fazer jornalismo considerando uma linha editorial alternativa ao *hard news*, empregamos uma produção móvel informativa que descarta o consumo instantâneo e reforça o caráter de repercussão de um fato para a audiência.

Nesse sentido, o jornalismo slow se constituiria como um esquema que proporciona um olhar para as práticas de jornalismo na perspectiva da aceleração/desaceleração, buscando identificar atitudes de co-

municação como diálogo, vínculo e ponte. E, ao propor que calibre-mos nosso olhar para o jornalismo a partir da perspectiva da desaceleração, o slow poderia apoiar a crítica da desinformação e do excesso informativo (Prazeres; Ratier, 2020, p. 91).

É fundamental entendermos que o editorial do *Luneta* é parte de uma dimensão maior compreendida pela grande área de tecnologias midiáticas, considerada como prioridade no atual projeto pedagógico do curso de jornalismo, implementado em 2019. Portanto, ao delimitar linguagens do jornalismo não utilizadas anteriormente na formação dos graduandos, carregamos, também, o papel de propor soluções e inovar. Pretende-se impulsionar o aprendizado dos alunos nas áreas de jornalismo digital, a partir das técnicas de coleta, produção, publicação e divulgação de notícias enquadradas no contexto do jornalismo móvel e, ainda, fazer a ponte para a experimentação de conceitos no ramo de ciências da computação.

Como afirmado no início deste livro, pretendemos que os alunos utilizem o conhecimento ministrado em sala de aula para desenvolver estas habilidades. A intenção é que a coordenadora do projeto, Juliana Teixeira, trabalhe o material de forma coletiva com os estudantes das disciplinas de Webjornalismo para iniciar uma produção informativa a ser circulada no aplicativo. Sem perder de vista que esta produção é um laboratório de práticas, os alunos e seus conteúdos serão monitorados pela ministrante e, ao final de cada ciclo de matérias, receberão notas de desempenho de acordo com os critérios do jornalismo em mobilidade.

Apresentamos ao leitor, também, formatos que comportam elementos da convergência midiática comuns em sistemas de publicação móveis. Os artigos publicados no *Luneta* podem ser escritos com os recursos habituais de edição da notícia, como o título, resumo, conteúdo textual e opções de formatação, com a opção de acréscimo de *hiperlinks*, imagens e vídeos. No caso dos elementos audiovisuais, os vídeos são indexados ao corpo do artigo a partir de um botão *player* da rede social *YouTube*, já as imagens podem ser submetidas de um dispositivo pessoal (*PC, smartphone, tablet*, etc) ou através de um *link* da internet.



Captura de tela do navegador: dashboard para publicação de notícias



À esquerda captura de tela do smartphone da página de leitura da matéria. À direita captura de tela do navegador da página de leitura da matéria

De mesmo modo, reservamos no *dashboard* um espaço para a exibição prévia de cada parágrafo, com o objetivo de reparar erros e tornar a experiência do editor mais prática. Tendo em perspectiva que a visualização padrão do leitor é pelo *smartphone*, todo o experimento foi adaptado pensando na adequação de notícias para este dispositivo e para prover um conforto visual ao usuário que acessar as plataformas. Teixeira (2020) finaliza que o *Luneta* é uma deixa para a palavra-chave inovação. “Gostaria de estimular nos alunos a inovação nas práticas, nos produtos e nos processos jornalísticos. Mas, principalmente, em suas mentes. Creio em mentes inovadoras para tentarmos produzir um jornalismo diferente a longo prazo” (Teixeira, 2020).

A bolsista Victória Dailly Alves Mineiro, conforme já mencionado, também fez parte da equipe do *Luneta* e apresenta aqui um breve relato das experiências vivenciadas no projeto. Primeiramente, aponta que a troca de saberes e a sintonia com a equipe de parceiros foi primordial para a superação dos desafios, para o alinhamento de propósitos e para a vivência de uma equipe de modelo transdisciplinar.

Mais do que um vínculo profissional, carrega-se um vínculo afetivo com esta realização. Apego-me aos diálogos sobre jornalismo de inovação junto às tecnologias com os parceiros de projeto, Juliana Teixeira e Mayron Junior. Além disso, foram tantas leituras sobre jornalismo móvel, encontros com o grupo de pesquisa... Pude perceber o quão é vital pensar o jornalismo e suas práticas norteadas pela realidade que está sob os nossos olhos, bem como os conceitos e usos que se faz desta interação. Desta forma, enxerga-se, também, ser fundamental pensar adiante, por isso, irei fazer breves pontuações a serem somadas ao Luneta em futuras atualizações (Mineiro, 2020).

Uma primeira concepção pode incorporar recursos funcionais básicos ao aplicativo que não estão disponíveis na versão piloto. Ou seja, no que diz respeito à interface, capacitar a oferta de imagens vinculadas ao topo das notícias e agregar itens que facilitem o compartilhamento da notícia nas redes sociais são anexos atrativos e que promovem a circulação do conteúdo multimídia. No *dashboard* de publicação, inserir ferramentas que comportem recursos de áudio é uma tarefa importante já que os próprios *smartphones* exploram este formato com a gravação de voz, o que

pode ser embutido dentro do aplicativo. Afinal, relatórios recentes têm revelado que o uso da voz está em crescimento com a popularização do *podcasting* e de artigos de texto em áudio, elemento prioritário para a acessibilidade.

Outra iniciativa pode focar em incrementos mais complexos, como a personalização de códigos para performar a automatização, estratégia avançada de bases de dados já alcançada por conglomerados de comunicação. Esta função poderia ser incorporada ao *Luneta* por meio de sistemas mais simples como notificações de alerta, assim, toda vez que uma notícia for publicada, o leitor será avisado de forma instantânea. Neste viés, uma última recomendação visa capacitar o protótipo para a atuação em outro sistema operacional, o *iOS* (Apple). Afinal, estar presente em mais plataformas é um fator de expansão informacional, já que ocorre uma oferta do produto a mais usuários e, com isso, há mais chances do público baixar o aplicativo em seu *mobile*. Com tais implementações, acreditamos que o *Luneta* poderia produzir notícias com mais eficiência e a circulação seria mais proveitosa,

Ao trabalhar em uma aplicação autoral, alternativa e voltada para o coletivo nos colocamos como um produto diferencial em comparativo com outras vitrines. Desta maneira, algumas etapas que seriam fáceis em vias mercadológicas se fazem mais difíceis, como a distribuição e o download. Penso que, para ganharmos um espaço em uma extensão tão pessoal do indivíduo como o smartphone, precisamos alcançar uma experiência cada vez mais útil e agradável. Além disso, outra questão que se coloca no Luneta é escutar os feedbacks do público consumidor de informações em um contexto mais amplo, ouvindo a pluralidade de vozes. E, principalmente, mapear ações e planos de exploração desta escuta, pois é a partir dela que as pautas serão feitas e as necessidades da sociedade atendidas (Mineiro, 2020)

Quanto mais formos estimulados, enquanto universidade, a traçarmos soluções e superarmos os novos desafios da área, mais teremos noções para dominar os fluxos digitais no jornalismo e manter a relevância da profissão em sociedade. É preciso compreender, ainda, que outras matrizes do saber, como as ciências mais exatas, podem estabelecer vínculos que prosperem as perguntas e limitações formuladas na atual esfera jorna-

lística. Aos alunos, especialmente, é ofertada também a oportunidade de participar de espaços pensantes na universidade, apresentando provocações sobre como é ser jornalista/cientista em uma rede conectada aos diversos canais e usos informativos diferentes.

Esperamos, desse modo, que o *Luneta* possa contribuir como um representante dos estudos universitários no jornalismo que faz a ponte de informação com a sociedade piauiense. Semear o conhecimento para garantir a informação pública chamou nossa atenção para a compreensão de que o jornalismo local reflete a notícia que carrega sua identidade genuína: a do povo.

Desenvolvimento do protótipo

Para dar conta de estruturar o *Luneta*, aliamos ao jornalismo os conhecimentos da área de Tecnologia da Informação no desenvolvimento do protótipo. Mayron Moura Soares Junior, bolsista de Iniciação Científica Voluntária (ICV-UFPI), foi o principal desenvolvedor das linguagens de sistemas contidas no aplicativo, sob a supervisão do professor Ricardo Lira, ambos da área de Ciências da Computação da UFPI. Mayron é estudante do 7º período do curso e guarda experiência no desenvolvimento de protótipos no interior da universidade. Ademais, carrega um conhecimento básico em programação na linguagem *Kotlin*, usada em formatos *Android*, e noções avançadas em *JavaScript* e *Html*, utilizadas no desenvolvimento de aplicativos *React-Native*. Todas estas foram incorporadas em diferentes etapas funcionais do aplicativo:

Quando entrei no Luneta, fiquei um tempo a procurar alguma tecnologia que seria interessante de estudar para utilizá-la no desenvolvimento do projeto. Foi quando ouvi falar sobre React-Native, uma biblioteca para o desenvolvimento de aplicativos Android e iOS. É uma tecnologia relativamente nova, do ano de 2015, que, de início, parecia como qualquer outra tecnologia: um animal feroz de difícil dominação. Mas, à medida que comecei a trabalhar com ela através do desenvolvimento do Luneta, foi se tornando cada vez mais fácil, mais dócil (Soares Junior, 2020).

Logo nas reuniões iniciais foram definidas as especificações do protótipo e possíveis referências a serem integradas ao aplicativo. Neste momento, também foram sinalizadas as limitações por se tratar de um dispositivo atuante em uma universidade pública, portanto, sem fins mercadológicos diretos e apenas experimentais para o ensino do jornalismo. Com a devida supervisão editorial, a cargo da professora Juliana Teixeira e da bolsista Victória Dailly Alves Mineiro, e a supervisão técnica, a cargo do professor Ricardo Lira, foram estabelecidas etapas e, por conseguinte, aprimoramentos para as versões esquematizadas por Mayron Soares Junior. Ao todo, ao menos cinco versões foram analisadas até a chegada na versão piloto do protótipo do *Luneta*.

Ao longo de 2019 e 2020, os diálogos presenciais e, posteriormente, on-line foram essenciais e acrescentaram em cada módulo de verificação do andamento do protótipo. A cada versão, o foco era alinhar o sistema ao conceito-fim da aprendizagem em sala de aula e da geração de informações ao público leitor. O intermédio entre o cliente e o desenvolvedor é descrito por Soares Junior (2020) como o grande trunfo para a compreensão e a correta articulação de um protótipo. Segundo ele, este procedimento é geralmente dividido em duas grandes partes: a interação cliente-desenvolvedor e o desenvolvimento do projeto em si.

No caso do *Luneta*, ambas as partes foram realizadas por Soares Junior (2020), afinal não foi viável conseguir uma equipe de membros especialistas em cada segmento. Para ele, o aprendizado é um desafio, mas as experiências elevaram os seus conhecimentos adquirindo novas possibilidades até então:

Na maioria dos trabalhos em programação, os desenvolvedores estão à mercê das escolhas do contratante do projeto. Conseguir traduzir os desejos da demanda é um trabalho por si só, mas como um aspirante a desenvolvedor que sou, preciso ganhar experiência na área. Participar do Luneta foi um meio de ajudar a comunidade científica, bem como melhorar minhas habilidades e capacidades ao mesmo tempo. Com isso, posso escrutinar futuros projetos de forma mais clara e rápida, visualizando os pontos mais importantes dos mesmos. (Soares Junior, 2020).

Os estudos de pesquisa para a aplicação do protótipo concentraram-se em componentes já feitos e modelos de código livre que, por ventura, puderam ser implantados no sistema do aplicativo. A integração de ferramentas é um diferencial no gerenciamento do protótipo, já que nem todos os recursos presentes no aplicativo foram feitos para serem usados em conjunto. Para esta possibilidade, foram realizadas adaptações e alinhamentos dos componentes com a intenção de facilitar a sinergia das combinações.

Soares Junior (2020) aponta que, apesar do não aparecimento de problemas a curto prazo no aplicativo, o sistema poderia agir em potencial, caso contasse com o auxílio de uma equipe de desenvolvedores para prover um sistema de publicação mais completo. Nas próximas versões, é possível que haja a necessidade de inclusão de imagens na interface principal das notícias e a inserção de uma caixa de comentários para os leitores, recurso de viés interativo. Pensando nestas mudanças, o modo de hierarquia atual do sistema permite futuras implementações, sem haver maiores modificações no atual código do sistema.

Mobile e web aplicativo

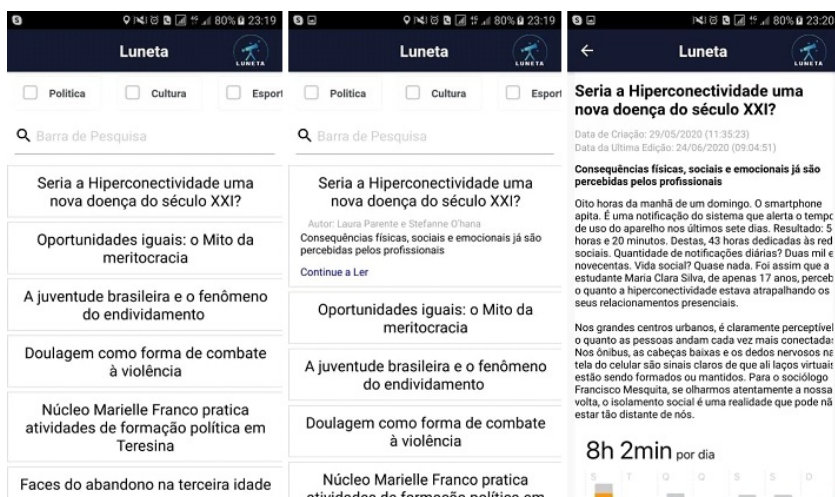
Na prática, o sistema móvel do *Luneta* foi guiado por três grandes etapas que giram em torno do levantamento de requisitos, do implemento do protótipo e do processo de avaliação. Ao nos voltarmos para os requisitos de um sistema, levamos em conta que são as descrições da finalidade de um protótipo e suas restrições de funcionamento. Nesta fase, ficam refletidas as necessidades e os detalhes que a tecnologia deve carregar consigo para ser útil. O processo de manusear esta ação é chamado de engenharia de requisitos. No caso do *Luneta*, a engenharia de requisitos foi a tarefa norteadora para a construção do protótipo. Em seguida, foram elaborados os protótipos de telas de média fidelidade (Anexos A e B) que, em resumo, são esboços das configurações iniciais da tela. Para a etapa de conclusão desta fase, todo o ambiente de desenvolvimento foi devidamente preparado para começar a implementação do aplicativo.

Passamos, então, para a segunda fase, a implementação prática do *software*. A engenharia de software são as atividades envolvidas no desenvolvimen-

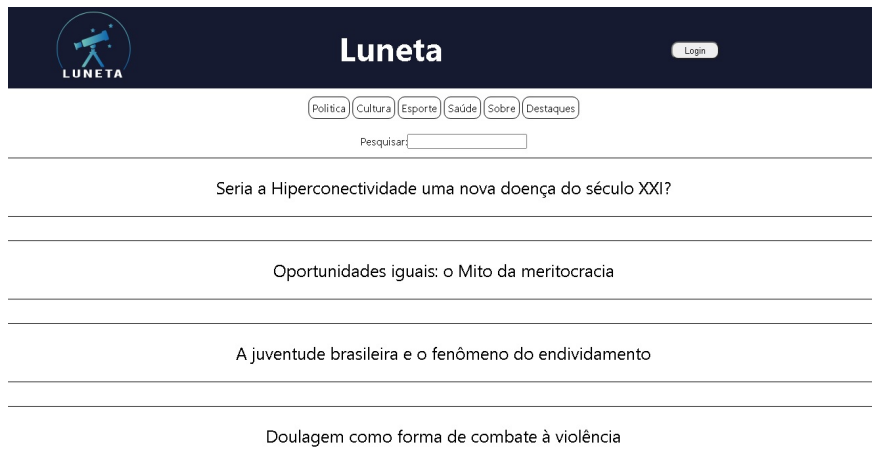
to de sistemas, desde os requisitos iniciais até a manutenção e o gerenciamento. Nesta etapa, foi feito o *back-end* da aplicação, com a elaboração da lógica para que as funcionalidades do projeto funcionassem corretamente.

Com o *back-end* finalizado, teve início o *front-end* do aplicativo, ou seja, toda a parte visual do projeto. Estes dois elementos foram erguidos de forma simultânea em divisórias. Cada divisão representa uma parte do aplicativo: tela de visualização das notícias; barra de pesquisa; barra lateral com caminhos para outras partes do aplicativo; páginas de leitura; integração com o banco de dados na nuvem etc. Com isso, as telas definidas na etapa anterior foram implementadas e ajustadas para o funcionamento completo da aplicação: *back-end* e *front-end*. Mecanismos que tornam o aplicativo já capaz de ser utilizado.

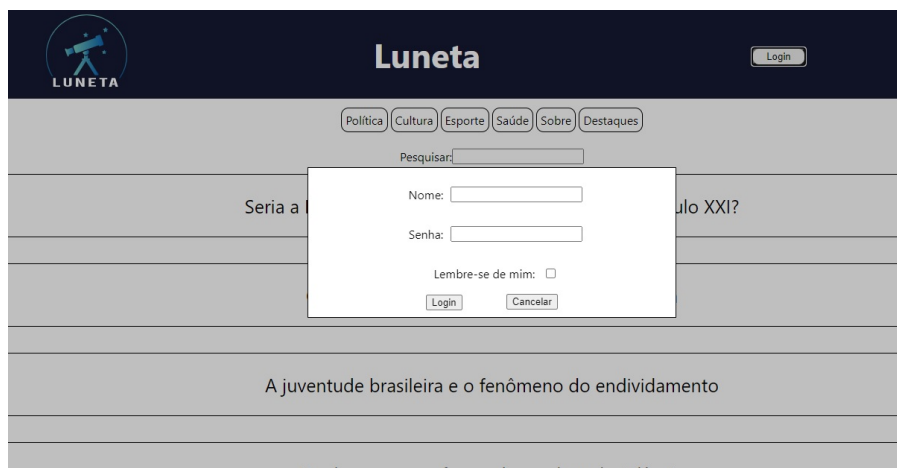
Na última etapa chegamos ao processo de verificação, incluindo procedimentos de revisão, análise e testes avaliativos. Os erros foram listados e corrigidos posteriormente. Além disso, nesta etapa final foram realizadas eventuais mudanças já descritas no viés metodológico deste *e-book*. O protótipo se ramifica entre dois produtos complementares: a aplicação voltada para o *mobile*, suportada pelo sistema operacional *Android*, e o *web* aplicativo que pode ser acessado pelo navegador. Ambos incluem um *dashboard* de publicação de notícias para os editores e veiculam o mesmo conteúdo.



Captura de tela do smartphone: página inicial, página inicial com o menu aberto e a página de leitura



Captura de tela do navegador com web aplicativo, usuário não logado



Captura de tela do navegador da caixa de login do usuário no web aplicativo



Captura de tela do navegador do web aplicativo, usuário administrador



Captura de tela do navegador da página usuário, usuário administrador



Captura de tela do navegador: página usuário, usuário não logado

Nome	Quant de Noticias	
		Adicionar
Política	16	Excluir
Cultura	13	Excluir
Esporte	6	Excluir
Saúde	14	Excluir
Sobre	0	Excluir
Destaques	0	Excluir

Captura de tela do navegador da página Tags

Captura de tela do navegador com página de publicação de notícia completa



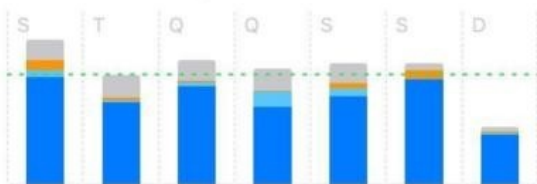
Seria a Hiperconectividade uma nova doença do século XXI?

Data de Criação: 20/05/2020 (11:30:23)
Data de Última Edição: 26/05/2020 (09:04:51)

Consequências físicas, sociais e emocionais já são percebidas pelos profissionais

Clito horas da manhã de um domingo. O smartphone apita. É uma notificação do sistema que alerta o tempo de uso do aparelho nos últimos sete dias. Resultado: 56 horas e 20 minutos. Destas, 43 horas dedicadas às redes sociais. Quantidade de notificações diárias? Duas mil e novecentas. Vida social? Quase nada. Foi assim que a estudante Maria Clara Silva, de apenas 17 anos, percebeu o quanto a hiperconectividade estava atrapalhando os seus relacionamentos presenciais. Nos grandes centros urbanos, é claramente perceptível o quanto as pessoas andam cada vez mais conectadas. Nos ônibus, as cabeças baixas e os dedos nervosos na tela do celular são sinais claros de que aí laços virtuais estão sendo formados ou mantidos. Para o sociólogo Francisco Mesquita, se olharmos atentamente a nossa volta, o isolamento social é uma realidade que pode não estar tão distante de nós.

8h 2min por dia



Redes Sociais

43h 9min

Produtividade

2h 42min

Criatividade

2h 8min

Total Semanal

56h 20min

Informações do celular de Maria Clara. (Foto: Reprodução/Sistema Operacional)

"Tudo na internet é atraívo. As novidades dos sites. A facilidade de conexão e, principalmente, de criação e manutenção de personagens. Tudo isso contribuiu para que cada vez mais você fique imerso nesse meio online. É o problema mora justamente aí, por que os contatos sociais e as interações face a face são fundamentais para a construção de uma sociedade equilibrada e saudável", pontuou. É já que o assunto é equilíbrio e saúde, Maria Clara relembra que foi justamente no período em que vivia mais conectada, que descobriu alguns problemas que refletem até hoje no seu dia a dia. Problemas estes que sua mãe já alertava.

"De cara eu comeci a usar óculos. Depois tive problemas para dormir. Sentia muitas dores de cabeça e às vezes até náuseas, por causa da luminosidade. Minha postura estava completamente errada, o que me causava dores nas costas. Eu vivia irritada, ansiosa, sem paciência. Evitava ao máximo sair ou ficar em rodas de conversa. Enfim, eu estava toda errada e foi um período muito difícil para quem convivia comigo", brincou a estudante.



(Foto: Reprodução/Internet)

Captura de tela do navegador da página de visualização da notícia completa

Considerações finais

Investigar toda a produção do aplicativo *Luneta*, desde o fazer editorial até a construção de um protótipo, foi além da perspectiva de produzir um livro; foi um experimento que abriu novas oportunidades para a pesquisa, o ensino e a prática jornalísticos no âmbito de curso de jornalismo da Universidade Federal do Piauí. Afinal, trata-se de um aplicativo para dispositivos móveis composto por *web* aplicativo que se situa como uma plataforma de publicação e circulação de notícias sobre a realidade da universidade, de Teresina e do Piauí.

Por meio de qualquer dispositivo apto a navegar na internet, o usuário tem acesso a todo o conteúdo informativo de profundidade presente no sistema. O jornalismo móvel hiperlocal é o condutor da esfera editorial e técnica do aplicativo, que, por definição, é um jornalismo agente no âmbito da mobilidade e no recorte geográfico diante da produção noticiosa. O processo desta tecnologia é canalizado para despertar o olhar jornalístico da comunidade acadêmica com o seu entorno, destacando assim a política de valorização de um veículo de notícias em mobilidade com o espaço da universidade.

Assim como o próprio *Luneta*, para que este livro fosse viabilizado foram necessários estudos transdisciplinares entre a Comunicação Social/Jornalismo e a área da Tecnologia da Informação. Esta última que pudemos conhecer de forma mais próxima e visualizarmos estratégias conjuntas, mesmo que ainda distante dos códigos de programação em específico.

O intercâmbio de conhecimentos foi um aliado necessário para o diálogo entre teoria e prática, bem como para possibilitar o desenvolvimento de novas habilidades até a performance final do aplicativo. Atualmente as redações jornalísticas são formadas por profissionais com múltiplas capacidades, sabendo que, especialmente em temáticas específicas, é necessário buscar especializações e aprendizados em outras áreas. Por isso, a integração entre campos distintos torna-se imprescindível dentro da formação do jornalista em um contexto de transformações que envolve o perfil profissional, os modelos de negócios e as demandas da audiência.

O uso do *Luneta* como uma tecnologia de extensão em sala, conforme descrito anteriormente, possibilita aos graduandos pautar o território em que atuam a partir de competências do jornalismo móvel, além do acrésci-

mo de habilidades com as pontes da convergência midiática e da polivalência. Dentro desta esfera, a produção de conteúdo de proximidade em um canal móvel pode desencadear, também, valores éticos e profissionais aos estudantes em seus deveres com a sociedade.

Desde a escolha da temática deste experimento houve desafios a serem superados mediante a análise do referencial teórico para embasar esta pesquisa, assim como a coordenação simultânea da confecção do produto e da revisão das etapas para descrevê-lo neste *e-book*. Todo o levantamento inserido na bibliografia foi pensado para encaixar-se com as linhas prioritárias do corpo teórico.

Quanto às coordenadas de implementação do aplicativo e da análise descritiva do projeto, destacamos que estas atividades somente foram possíveis por conta do equilíbrio entre a comunicação constante, a organização das etapas produtivas e o empenho com os resultados pré-alcanceados. Sem estes itens a pesquisa aplicada demonstrada por este livro possivelmente não existiria já que, em março de 2020, a pandemia da Covid-19 veio à tona e nos obrigamos a repensar todo o planejamento de repertório. Nas reuniões, majoritariamente on-line, abordávamos os apontamentos de cada versão do protótipo e, a partir destas discussões, trabalhávamos em cima das questões a serem aprimoradas. Durante a visualização de cada ideia materializada no *Luneta*, pudemos, então, retirar as partes indispensáveis e as mais interessantes para serem aqui descritas.

Ressalta-se, ainda, que o atual contexto trouxe uma nova configuração para se debruçar sobre o jornalismo, em especial, no meio acadêmico. Nos anos de graduação, é perceptível a dificuldade dos graduandos de repensar enquadramentos diferentes e de perseguir fórmulas inovadoras quando dispõem de métodos e formatos tradicionais que se mostram, por vezes, mais fáceis de serem executados. Mesmo com a rede digital à disposição, o jornalismo em mobilidade e as novas tecnologias do jornalismo são temáticas que há pelo menos duas décadas estão presentes em nosso campo e, na UFPI e em demais centros de ensino afora, foram integrados à matriz curricular apenas em um contexto recente.

Nesta abordagem, é importante considerar que, mesmo as instituições que já dispõem de tais disciplinas, tantas não provêm a atenção necessária que estas matérias demandam e, como destacado neste livro, são escassos

os estudos acadêmicos que articulam o ensino do jornalismo em dispositivos móveis. Do contrário, dispomos de uma larga dimensão da grande área da comunicação nestes estudos, mas não do jornalismo em si, conseqüentemente, há que se discutir técnicas, processos e produtos que abarquem esta frente de estudos para podermos melhor compreendê-la.

Estas manifestações refletem que a academia é um ambiente fundamental para a produção de conhecimento em discussões mais recentes do jornalismo e, sobretudo, a destreza acadêmica deve se mostrar à frente e antecipada do jornalismo de mercado praticado em cidades como Teresina. Pois, pela lógica, os profissionais que são parte dos veículos de comunicação já seriam introduzidos ao mercado aptos para a entrega de um conteúdo noticioso em confluência com a vertente digital.

No *Luneta*, a conjuntura de novas perspectivas é apreendida pelo produto intrínseco à mobilidade, mas, principalmente, por guias editoriais que abordam temáticas frescas da área como o jornalismo hiperlocal, a prática *slow media*, a produção descentralizada da redação e, inclusive, a proximidade com outras áreas, como a tecnologia da informação. O cunho inédito do aplicativo no Curso de Jornalismo desta universidade faz com que o produto seja uma fonte de experiências para as mudanças em voga no ensino-aprendizagem e para tendências progressistas na produção noticiosa que tem por destino a sociedade.

Evidentemente, tais hipóteses se configuram apenas como previsões diante de um olhar sobre o jornalismo hiperlocal. E, para que estas estimativas se coloquem de forma mais pragmática, é preciso que o aplicativo *Luneta* adentre efetivamente às esferas da comunidade universitária e do público geral.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialectic of enlightenment**. 1944.

AGUADO, Juan Miguel; MARTÍNEZ, Inmaculada José. **Sociedad móvil: tecnología, identidad y cultura**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.

AZAMBUJA, Cíntia Neves de. **Jornalismo educativo**. 6º Encontro de Educação e Tecnologias de Informação e Comunicação. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 17 a 19 nov. 2008.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. **Notícias e mobilidade: jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Canavilhas, João (org.), Covilhã, LabCom, 2013, p. 33-54.

BRASIL, Antônio C. **Telejornalismo, internet e guerrilha tecnológica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRIGGS, Mark. **Journalism next: a practical guide to digital reporting and publishing**. 2ª Ed. EUA: SAGE, 2013.

CAETANO, Kati; BARBOSA, Marialva; QUADROS, Claudia. Dispositivos e práticas jornalísticas em um mundo sem fronteiras. In: QUADROS, Cláudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (org.). **Jornalismo e convergência: ensino e prática profissionais**. Covilhã: LabCom, 2011. p. 75-99.

CAMPONEZ, Carlos. Proposta de novos pactos comunicacionais na era do hiperlocal. In: JERÓNIMO, Pedro (org.). **Media e jornalismo de proximidade na era digital**. Covilhã: LabCom, 2017, p. 11-25.

CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. Jornalismo em transição: do papel para o tablet... ao final da tarde. **Comunicação digital: 10 anos de investigação**. FIDALGO, António; CANAVILHAS, João (org.). Covilhã: LabCom, 2014. p. 33-58.

CANAVILHAS, João. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. In: QUADROS, Cláudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (org.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: LabCom Books, 2011. p. 13-20.

CARVALHO, Juliano Maurício de; CARVALHO, Angela Maria Grossi de. Do hiperlocal aos insumos criativos: as mutações do jornalismo na contemporaneidade. In: CARVALHO, Juliano; BRONOSKY, Marcelo (org.). **Jornalismo e convergência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 69-87.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CORRÊA, Elizabeth Saad. Estratégias de conteúdo para meios digitais. In: QUADROS, Cláudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (org.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: LabCom, 2011. p. 43-65.

DALMONTE, Edson. **Novos cenários comunicacionais no contexto das mídias interativas: o espalhamento midiático**. In: Encontro Nacional da Compós. Grupo de Trabalho Práticas Interacionais e Linguagens da Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 27-30 maio 2014.

DE CAMARGO, Isadora Ortiz. Mobilidade como fator diferencial dos modelos de negócios em jornalismo: o caso do NYTimes. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina (orgs.). **Jornalismo móvel**, 2017. p. 41-59.

DE SOLA POOL, Ithiel. **Technologies of freedom**. Harvard University Press, 1983.

DEUZE, Mark. **What is multimedia journalism?** In: *Journalism Studies*, v. 5, n. 2, 2004. p. 139-152.

DEUZE, Mark. **Journalism education in an era of globalization**. In: LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (orgs.). **Global journalism research: theories, methods, findings, future**. Reino Unido: Blackwell Publishing, 2008. p. 267-281.

DÍAZ NOCI, Javier. Definición teórica de las características del ciberperiodismo: elementos de la comunicación digital. **Doxa Comunicación**, Madrid, n. 6, p. 53-91, 2008.

FGV-EAESP, **Pesquisa anual do uso de TI**. 30. ed., 2018. Disponível em: <eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesti2019fgvciappt_2019.pdf> Acesso em: 15 jul. 2020.

FIDALGO, Antonio. **O ensino do jornalismo no e para o século XXI**. 2001. Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2020.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. “A inovação metodológica como problema na pesquisa em jornalismo digital”, **Contemporanea | comunicação e cultura**. Salvador: PósCom-UFBA, 2017. p. 25-46.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?. **C-Lenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, Niterói, n. 5, 2001.

GARCIA, López Xosé. Realidades e desafios do ciberjornalismo de proximidade. *In*: JERÓNIMO, Pedro (org.). **Media e jornalismo de proximidade na era digital**. Covilhã: LabCom, 2017. p. 119-136.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GSMA. **Economia móvel na América Latina 2019**. 2019. Disponível em: <gsma.com/latinamerica/pt-br/resources/economia-movel-na-america-latina-2019/>. Acesso em: 15 jul. 2020

I.B.G.E. **PNAD Contínua - TIC**. 2018. Disponível em: <educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> Acesso em: 15 jul. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JERÓNIMO, Pedro. A chegada da imprensa regional a um “admirável mundo novo”. *In*: JERÓNIMO, Pedro (org.). **Media e jornalismo de proximidade na era digital**, 2017. p. 27.

LAVALLE, Giulia. **Escola de webjornalismo**. Monografia (Bacharelado) em Comunicação Social – Jornalismo. Universidade Federal do Paraná. Orientação: Myrian Del Vecchio. Curitiba, 2017.

LEAL, Ana Regina Barros Rêgo. **Projeto pedagógico**: Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Piauí. 2001. Disponível em: <sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao?idProducao=1352713&key=7bdc5fb789a45461ec9d_c84beb1f1dfa> Acesso em: 10 dez. 2020.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André. **Cibercidade**: as cidades na cibercultura. São Paulo: E-papers, 2004.

LEMOS, André; VALENTIM, Julio. Cibercultura e infraestrutura de redes sem fio no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, v. 27, n. 45. p. 79-94, 2006.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. Jornalismo hiperlocal e dispositivos móveis. In: JERÓNIMO, Pedro (org.). **Media e jornalismo de proximidade na era digital**. Covilhã: LabCom, 2017. p. 217-232.

LIUZZI, Álvaro. Transmedia “historytelling”: de documentales interactivos y géneros híbridos. In: IRIGARAY, Fernando; LOVATO, Anahí (eds.). **Hacia la comunicación transmedia**. Rosario: UNR - Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2014. p. 65-86.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

MACHADO, Elias. **O ensino de jornalismo em tempos de ciberespaço**. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs.). **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade**: metodologias & software. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 11-22.

MACHADO, Elias. **La investigación aplicada en el desarrollo de innovaciones**. In: Congreso Internacional de la Sociedad Española de Periodística, 24,

2018, Málaga. Actas Congreso Internacional de la Sociedad Española de Periodística. Madrid: SEP, 2018.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 1964. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo**. 1999. Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2020.

MEDITSCH, Eduardo. A aplicação das novas diretrizes curriculares: oportunidade para o reencontro do ensino de jornalismo com o que foi perdido em sua história. *In*: ALMEIDA, Fernando Ferreira; SILVA, Robson Bastos da; MELO, Marcelo Briseno Marques de (Org.). **O ensino de comunicação frente às diretrizes curriculares**. São Paulo: Intercom, 2015. p. 64-103.

MENSING, Donica. **Realigning journalism education**. *In*: FRANKLIN, Bob; MENSING, Donica (Ed.). **Journalism education, training and employment**. New York: Routledge, 2011. p. 15-32.

MIELNICZULK, Luciana; MARQUES, Lammel Iuri. Sistemas publicadores para webjornalismo: mapalink, um protótipo para produtos de terceira geração. *In*: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **O ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 141-158.

MIELNICZUK, Luciana. Interatividade e hipertextualidade no jornalismo online: mapeamentos para uma discussão. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 23. 2000, Manaus. **Anais do 23º Intercom**, p. 1-12, 2000.

MIELNICZUK, Luciana. O celular afronta o jornalismo. **Jornalismo e tecnologias móveis**. MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana (Org.), Covilhã: LabCom, 2013. p. 113-126.

MINEIRO, Victória Dailly. Entrevista concedida para o TCC de Victória Dailly Mineiro, set. 2020.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PALACIOS, Marcos Silva. **Jornalismo Online, Informação e Memória: apontamentos para debate**. 2002. Disponível em: <

ranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2020.

PALACIOS, Marcos Silva; CUNHA, Rodrigo. A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias. **Contemporânea**, v. 10, n. 3, p. 668-685, 2012.

PAULA FILHO, Wilson de Pádua. **Engenharia de software: fundamentos, métodos e padrões**. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

PAVLIK, John. Ubiquidade: O sétimo princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo**, v. 7, p. 159-184, 2014.

PRAZERES, Michelle; RATIER, Rodrigo. O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 1, p. 86- 95, 2020.

PULITZER, Joseph. **A escola de jornalismo na universidade de Columbia**. Florianópolis: Insular, 2009.

REDE ICOD. Comunicação digital: competências profissionais e desafios acadêmicos. Covilhã: **Livro Verde**, 2006.

REUTERS INSTITUTE. **Journalism, media, and technology trends and predictions 2020**. 2020. Disponível em: <digitalnewsreport.org/publications/2020/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2020/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

REY, María Cruz Negreira; GARCÍA, Xosé López. Los cibermedios hiper-locales en el móvil. Análisis comparativo de seis apps españolas: grandes redes de medios frente a espacios de comunicación ciudadana. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina (orgs.). **Jornalismo móvel**. Covilhã: LabCom, 2017. p. 107-131.

SALAVERRÍA, Ramón; AVILÉS, José Alberto García. La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Trípodos**, Barcelona, n. 23, p. 31-47, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. O ciberjornalismo encontra a universidade: ideias para melhorar o ensino e a pesquisa. **Brazilian Journalism Research**, v. 7, n. 2, p. 141-157, 2011.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**, v. 7, p. 25-52, 2014.

SANTINI, Rose Marie; CALVI, Juan C. O consumo audiovisual e suas lógicas sociais na rede. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 10, n. 27, mar. 2013, p. 159-182.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o “processo de midiatização”. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, p. 60-68, 2009.

SILVA, Fernando Firmino da. Repórteres em campo com tecnologias móveis conectadas. In: MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana (org.). **Jornalismo e tecnologias móveis**. Covilhã: LabCom, 2013. p. 91-112.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOARES JUNIOR, Mayron Moura. Entrevista concedida para o TCC de Victória Dailly Mineiro, set. 2020.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOMMERVILLE, Ian. **Engenharia de software**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. **Aprender telejornalismo: produção e técnica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TEIXEIRA, Juliana Fernandes. Entrevista concedida para o TCC de Victória Dailly Mineiro, set. 2020.

TEIXEIRA, Juliana Fernandes. **Webjornalismo audiovisual universitário no Brasil: um estudo dos casos TV UVA, TV UERJ E TJ UFRJ (2001-2010)**. 465 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

TÓTARO, Valéria Said. A teoria da contingência e a conexão entre os cursos de comunicação e os sindicatos dos jornalistas: teoria e prática no ensino de Jornalismo. In: FENAJ (Org.). **Formação superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade**. Florianópolis: FENAJ, 2008. p. 63-68.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, v. 2. Florianópolis: Insular, 2008.

WARREN, Carl. **Generos periodísticos informativos**. Barcelona: ATE, 1975.

WESTLUND, Oscar. Mobile news: a review and model of journalism in an age of mobile media. **Digital Journalism**, v. 1, n. 1, p. 6-26, 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ANEXO A – Protótipos de telas do aplicativo

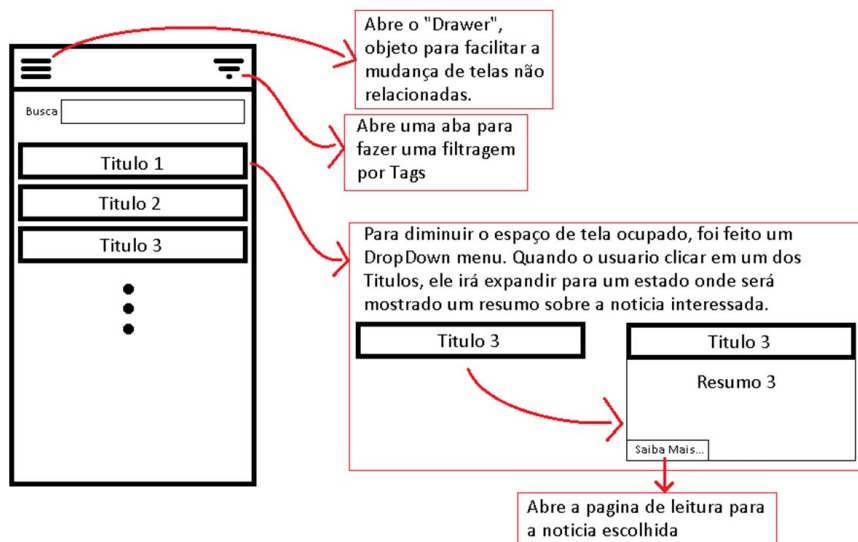
O protótipo é a maneira de definir e experimentar um projeto. No caso de aplicativos é o esboço de como as telas serão com o conteúdo estabelecido na fase de especificação e podem ser de baixa fidelidade, média e alta fidelidade (Oliveira, 2013).

Após discussões com a orientadora e definição dos requisitos do *software* foi elaborado o protótipo de média fidelidade, este documento apresenta a estrutura e o conteúdo da interface, formando o layout básico do projeto. Nesta etapa foi decidido que as funcionalidades do software seriam divididas em duas áreas principais: Leitores e Editores.

A área dos editores foi posteriormente retirada por ser aprovado inconveniente para os editores sendo então movido para o site do aplicativo, exclusivo para os editores. A descrição do protótipo de média fidelidade do aplicativo está disponível abaixo e foi desenvolvido através do desenho das telas utilizando Paint, editor de imagens do Windows.

TELA PRINCIPAL

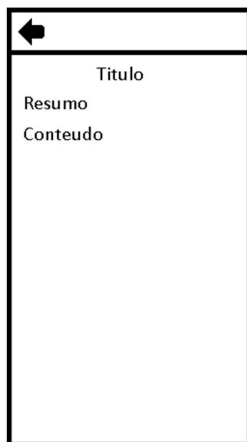
A tela principal tem como recurso principal a visualização de notícias do banco de dados.



A filtragem de Tags é feita através de conjuntos de *checkbox*, onde apenas as notícias que tenham todas as Tags selecionadas são mostradas.

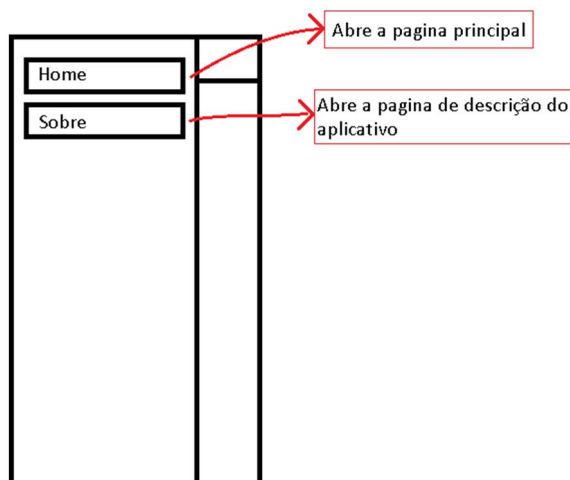
TELA DE LEITURA

Para a leitura da notícia, é utilizado o seguinte leiaute.



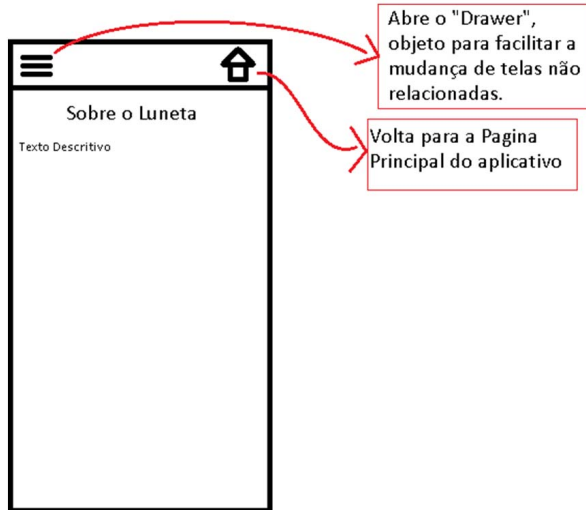
DRAWER DO APLICATIVO

Quando o *drawer* for aberto, ele tem duas opções: a página principal (*Home*), e a tela que fala sobre o aplicativo (*Sobre*).



TELA SOBRE

A tela sobre do aplicativo contém informações sobre a origem do aplicativo, e por quem foi planejado e desenvolvido.



Referência

OLIVEIRA, Thiago N. **A importância dos protótipos no desenvolvimento de sistemas**. Nov. 2013. Disponível em: <thiagonasc.com/desenvolvimento-web/a-importancia-dos-prototipos-no-desenvolvimento-de-sistemas>. Acesso em: 11 fev. 2019.

ANEXO B – Protótipos de telas do web aplicativo

Protótipos de telas do site

O protótipo é a maneira de definir e experimentar um projeto. No caso de aplicativos é o esboço de como as telas serão com o conteúdo estabelecido na fase de especificação e podem ser de baixa fidedignidade, média e alta fidedignidade (Oliveira, 2013).

Após discussões com a orientadora e definição dos requisitos do software foi elaborado o protótipo de média fidedignidade, este documento apresenta a estrutura e o conteúdo da interface, formando o leiaute básico do projeto. Por decisão previa, foi decidido que o site iria conter a área de uso dos editores, onde abaixo estão os protótipos das telas.

A descrição do protótipo de média fidedignidade do aplicativo está disponível abaixo e foi desenvolvido através do desenho das telas utilizando o Paint, editor de imagens do Windows.

TELA INICIAL

A tela inicial será a tela de *login* do site.

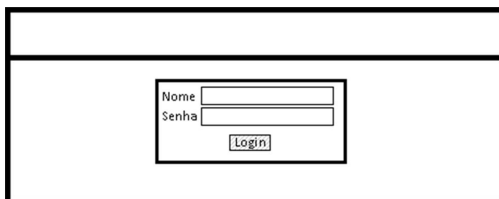


Diagrama de uma tela inicial de login. A tela é dividida horizontalmente por uma linha superior. No centro, há um formulário contendo dois campos de entrada: "Nome" e "Senha". Abaixo dos campos, há um botão rotulado "Login".

TELA DE MENU

Após o login, será apresentado o menu principal do site.

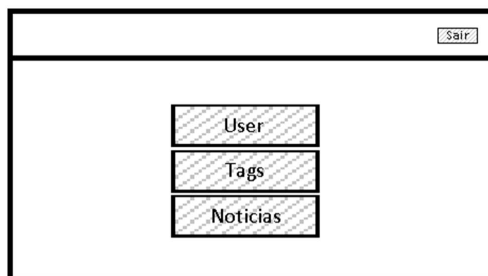
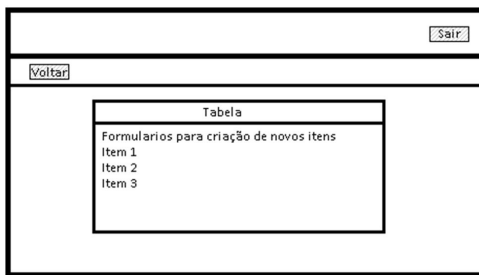


Diagrama de uma tela de menu. A tela é dividida horizontalmente por uma linha superior. No canto superior direito, há um botão rotulado "Sair". No centro, há um menu vertical com três itens: "User", "Tags" e "Noticias".

O menu *User* é usado para gerenciamentos dos usuários (criar e deletar). Ele só é liberado para os usuários que são administradores. O menu de *Tags* e *Notícias* são usados para os gerenciamentos dos mesmos (criar, deletar e modificar). Todos os usuários terão acesso a essas áreas.

TELAS USER E TAGS

As telas *User* e *Tags* tem modelos parecidos, onde os dados carregados do banco de dados são mostrados em uma tabela, com um formulário no topo da tabela (abaixo do nome da coluna) para criação de novos itens.



TELA NOTÍCIA

A tela *Notícia* teve um modelo similar com o aplicativo, utilizando o mesmo modelo de botões *drop-down*.



O botão “Saiba mais” levar à área de leitura do site. Os botões “Editar” e “Criar Notícia” levam à área de criação de notícia, no formato de um formulário.

O diagrama mostra um formulário de criação de notícia. No topo direito, há um botão "Sair". Abaixo dele, no canto superior esquerdo, há um botão "Voltar". No topo central, há um botão "Salvar". O formulário contém os seguintes campos:

- Título: um campo de texto único.
- Resumo: um campo de texto maior.
- P1: um campo de texto.
- P2: um campo de texto.

Na base do formulário, há um botão "Adicionar Paragrafo" com um padrão de hachura.

Referência

OLIVEIRA, Thiago N. **A importância dos protótipos no desenvolvimento de sistemas**, 2013. Disponível em: <thiagonasc.com/desenvolvimento-web/a-importancia-dos-prototipos-no-desenvolvimento-de-sistemas>. Acesso em: 11 fev. 2019.